



Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA

nº 5 - dez/2018

Manifesto

Vivemos tempos de grande notoriedade das chamadas fake news. Boatos e fofocas sempre existiram, mas as redes sociais podem potencializar o seu alcance e o seu perigo. Nem só de notícias falsas se vive: também há os fatos fora da conjuntura, cortados, fragmentos da história original. Contexto é tudo, saber de onde veio, para onde vai, e como tudo fica interligado. E, para entendê-lo, só com informação de qualidade, aprofundada, que preza os diversos lados de um fato, seus laços históricos.

Nesse sentido, a educação visual adquire ainda mais importância, já que as imagens inundam e determinam as redes sociais e o mundo atual como um todo. Ela se correlaciona com a educação midiática. Há formas de compreensão da comunicação, e há diversos tipos de imagens. Ao receber algo, é preciso ter o entendimento e para qual objetivo se destina. O contexto muda tudo, e gera a manipulação das massas: se uma foto foi pensada para uma propaganda, e depois usada para outro fim, pode ser interpretada como dominação mundial – que parece uma teoria louca e exagerada, mas não era algo próximo a isso que ouvíamos dos lados polarizados nestas eleições?

Falando em contexto, impossível não pensar em geopolítica, um tema tão relevante que foi levantado pelo festival Fest Foto POA 2018, como vimos na edição passada da Revista Sala de Fotografia. Afinal, a partir dela passamos a notar e a entender o que está ocorrendo ao nosso redor, nas outras cidades e países. Assim, enxergamos o diferente e as novas possibilidades, percebemos que tudo é uma construção cultural, histórica e política. É como o tema do Festival Internacional da Imagem Valongo de 2018: “Não me aguarde na retina” - saia da sua caixa, pense além, não fique no seu espaço particular, ultrapasse esse limite.

Está tudo conectado, mesmo, quando olhamos mais a fundo. Se falamos em contexto histórico, lembramos do festival de fotografia Canela Foto Workshops 2018, com o seu projeto “Causos + fotos + fatos = história”, no qual grandes mestres contam memórias de fotos emblemáticas de suas carreiras. De novo: contexto é determinante. Afinal, se o projeto fosse apenas fotos igual a história, faltaria o fatos, pois só a imagem talvez não pudesse dar a compreensão necessária.

Continuando a seguir o fio condutor dessas ideias, desembarcamos no festival de fotografia Paraty em Foco 2018. Se no contexto precisamos saber de onde viemos, para onde vamos, a utopia e a distopia que alguns projetos fotográficos desnudam fazem com que percebamos melhor a nossa realidade. A foto já não é apenas “isso foi”, mas passa a revelar “o que será”.

Precisamos expandir o pensamento para entender as nossas raízes, quais são as simbologias que usamos dentro do espaço e do tempo. Como usar branco no Réveillon, que vem da cultura africana, ou rosa e azul para meninas e meninos, algo que parece consolidado mas na verdade é muito recente. Ou ainda as cores branco no casamento e preto no luto, que datam do século 19 e que viraram moda devido à Rainha Vitória do Reino Unido.

Existe uma teoria da comunicação chamada de hipodérmica: uma mensagem, divulgada pelas mídias, seria como dar uma injeção no público, que iria acreditar nela e espalhá-la rapidamente. Este foi um dos primeiros estudos a tentar entender a comunicação de massa, e hoje pode ser considerado obsoleto, por ser simplista e não levar em conta características individuais. Não é bem assim, dizer algo na TV e a partir disso todas as pessoas acreditarem como se uma “bala mágica” as atingisse, correto? Há absurdos que ninguém

aceitaria... mas isso não lembra de uma certa forma as fake news que testemunhamos? Aqueles boatos espalhados pelos grupos de família, que quem tem o entendimento fica imaginando quem inventou, ou pior, quem repassou como sendo válida aquela informação?

A informação está aí para ser facilmente acessada, é verdade. Mas para muitos a internet ainda é baseada na piada, no meme, na autoajuda motivacional. Este público continua alienado porque não busca o conhecimento e todas as potencialidades que a ferramenta oferece: é passivo, e não tenta formar o seu próprio caminho.

À partir da educação visual, é possível criar estes mapas para aprimorar a busca da informação desde a origem. E isto significa educar as pessoas a como acessar o conteúdo. Continua sendo necessário estudar, pois as instituições de ensino se constituem agora não mais como se detivessem todo o conhecimento, e sim como facilitadoras de onde e como acessar a informação para construir escadas gradativas de aprendizado.

Ainda se discute muito o básico. Se as pessoas estão apenas na superficialidade, é necessário criar uma base sólida para só depois desenvolver um conhecimento mais aprofundado. E assim notamos o quanto precisamos da coletividade. Se não trabalharmos

no coletivo, não poderemos acessar algo a mais, pois é a partir dele que debatemos em busca de uma compreensão mais avançada. Só conseguimos evoluir porque discutimos – do contrário, cada um se torna uma ilha, sem poder receber o conhecimento do outro.

Portanto, não nos resta nada mais do que afirmar categoricamente que educar é preciso – e essa é a nossa missão, tanto como escola de fotografia, como esta Revista. Precisamos lutar contra essa tendência de simplificação e de mudança, que dita uma sede por ver tudo se modificar, mas que não lembra que a transformação às vezes pode ser para pior, quando não se percebe o contexto.

Temos que resistir. Mas esta resistência não é de agressividade, e sim baseada em conteúdo e informação. Afinal, quem os detém conquista poder e respeito. A partir do conhecimento, podemos ter uma verdadeira inclusão social. Porque é isso que importa: a pessoa no seu âmago, o que ela é e o que sabe na sua conjuntura de sociedade e de mundo, pois a cor da sua pele, sua sexualidade, não interessam para o coletivo. Começam a cair as máscaras falsas das primeiras impressões e dos estereótipos, e passa-se a assimilar e a se buscar a essência das pessoas e a profundidade das reflexões. Quando chegarmos a isso, estaremos, então, em um novo patamar social. Educar, pois, é preciso.



Revista

SALA DE
FOTOGRAFIA
nº 5 - dez/2018

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné

Conselho editorial:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné
Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894
www.saladefotografia.com

| | |
|-----|---|
| 10 | Festivais de fotografia: Canela Foto Workshops 2018 |
| 24 | Festivais de fotografia: 14º Paraty em Foco |
| 56 | Leitura: Fotografia - a relatividade de nossas certezas |
| 66 | Exposição: Jardim Elétrico |
| 74 | Exposição: Fé |
| 86 | Carta aberta: XI Semana da Fotografia de Caxias do Sul |
| 94 | Congresso de fotografia: Circuito Viacolor |
| 108 | Retrospectiva Sala de Fotografia 2018 |
| 114 | Liliane Giordano Arte em roupa: tênis com fotografia |
| 120 | Festivais de fotografia: Valongo 2018 |

Índice

análise - festivais de fotografia

Canela Foto Workshops 2018

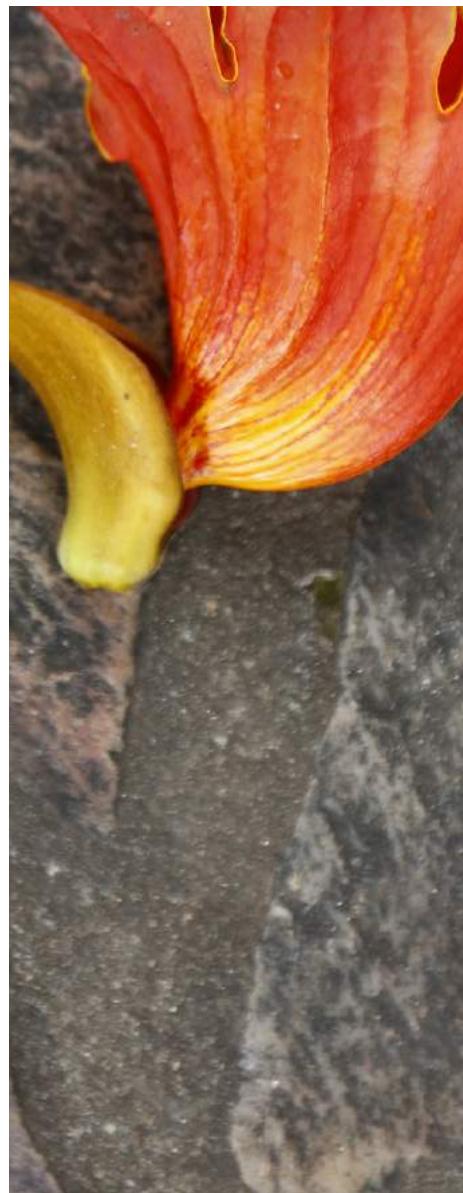




Resistir. Resistir sempre. Trabalhar com arte e com cultura, em qualquer parte do mundo, não é fácil. É sempre uma contestação – e esse é um dos próprios papéis da arte e da cultura. Mas mesmo assim, o que não podemos é nos entregar. Há que se continuar, de um jeito ou de outro.

Esta foi a reflexão que fizemos após a 16ª edição do festival de fotografia Canela Foto Workshops. Pensamos em tudo isso porque, neste ano, o “workshops” ficou apenas no nome do evento. Apesar de consolidado no cenário nacional – afinal, já sobrevive há mais de uma década e meia, neste ano o evento não realizou os tradicionais workshops de fotografia, mas se reiventou, e não deixou de realizar dias de grandes encontros na cidade da Serra Gaúcha.

Acompanhamos o sábado do festival - que ocorreu de 26 a 29 de julho de 2018 no Grande Hotel Canela.



Neste dia, a programação se dedicou a gravar novos episódios da web série Causos: fotos + fatos = história. Nos vídeos do projeto elaborado pelo Canela Instituto de Fotografia, fotógrafos contam histórias marcantes da sua profissão, a partir de três fotos que registraram. Antes das gravações, foram exibidos vídeos já prontos, com os fotógrafos Luiz Carlos Felizardo, Ruy Varella e Jacqueline Joner. “Elaboramos este projeto pois temos a convicção que nós, fotógrafos que documentam a história do Brasil, são formadores de História”, afirmou o fotógrafo e coordenador do festival Fernando Bueno.

Confira abaixo alguns causos contados no sábado de festival.

Marcas do tempo

A fotógrafa Eneida Serrano foi a primeira a contar suas histórias no sábado de Canela Foto Workshops, sob a mediação do jornalista Roger Lerina. Ela explicou que as fotos que escolheu tinham como tema o tempo.

Eneida contou que a primeira foto que escolheu faz parte de um projeto, que gerou uma exposição chamada “Interiores” – ganhadora do prêmio Açorianos de 2007 nesta categoria. Nele, a fotógrafa registra o interior de casas, para assim, através dos espaços, revelar a identidade dos seus moradores sem fotografá-los diretamente, apenas capturando os seus vestígios nesses lares. Na foto em questão, ela retratou Alice, em Bento Gonçalves, que tinha mais de 90 anos. Ela faleceu apenas uma semana depois do registro.

A sua segunda escolha foi por uma foto da família do escritor Luis Fernando Veríssimo. Eneida o retratou nos anos 1990 para a Revista Caras com a sua família, que ainda estava com apenas cinco pessoas. Então, em 2016, quando ela fez esta foto em questão, já eram 10 pessoas, 23 anos depois da primeira. “Fotografei muitas vezes o Veríssimo, mas queria fazer a família toda novamente, e mostrar essa marca do tempo”, explicou Eneida.

A terceira foto escolhida por ela foi uma sobreposição de um autorretrato: a fotógrafa



sobrepos duas imagens, a primeira de uma sombra dela na praia atualmente, a segunda de quando ela era criança, também na praia. Ela explicou que há 60 anos de distância entre os dois elementos que compõem esta nova foto criada pela sobreposição. O cenário também é significativo: é a Praia Atlântida, onde Eneida passou os verões de sua infância.

“Existe um autorretrato, um autor, em cada foto que você faz. Não interessa o meio, mas o resultado: já não digo mais se faço com celular ou com equipamentos que pesam no ombro. Olhar é um exercício, quanto mais tu fizer e olhar, mais vai descobrir. É isso que me move. Não existe coisa mais fotogênica que outra. Eu resisto com conceito de coisas fotogênicas. Eu gosto do que não rende foto, esse diferente me move.” Eneida Serrano

“Cada vez menos tenho observado esse vínculo com realidade, mas vejo mais importância no modo de ver. Com minhas fotos você pode perceber por onde eu ando. Mas o mais importante é como eu vejo por onde eu ando, não por onde ando. Errância e aceitar o acaso é também muito produtivo. Em qualquer lugar pode ter oportunidade de transformar um corriqueiro numa foto que permanece e se transforma em outra coisa.” Eneida Serrano

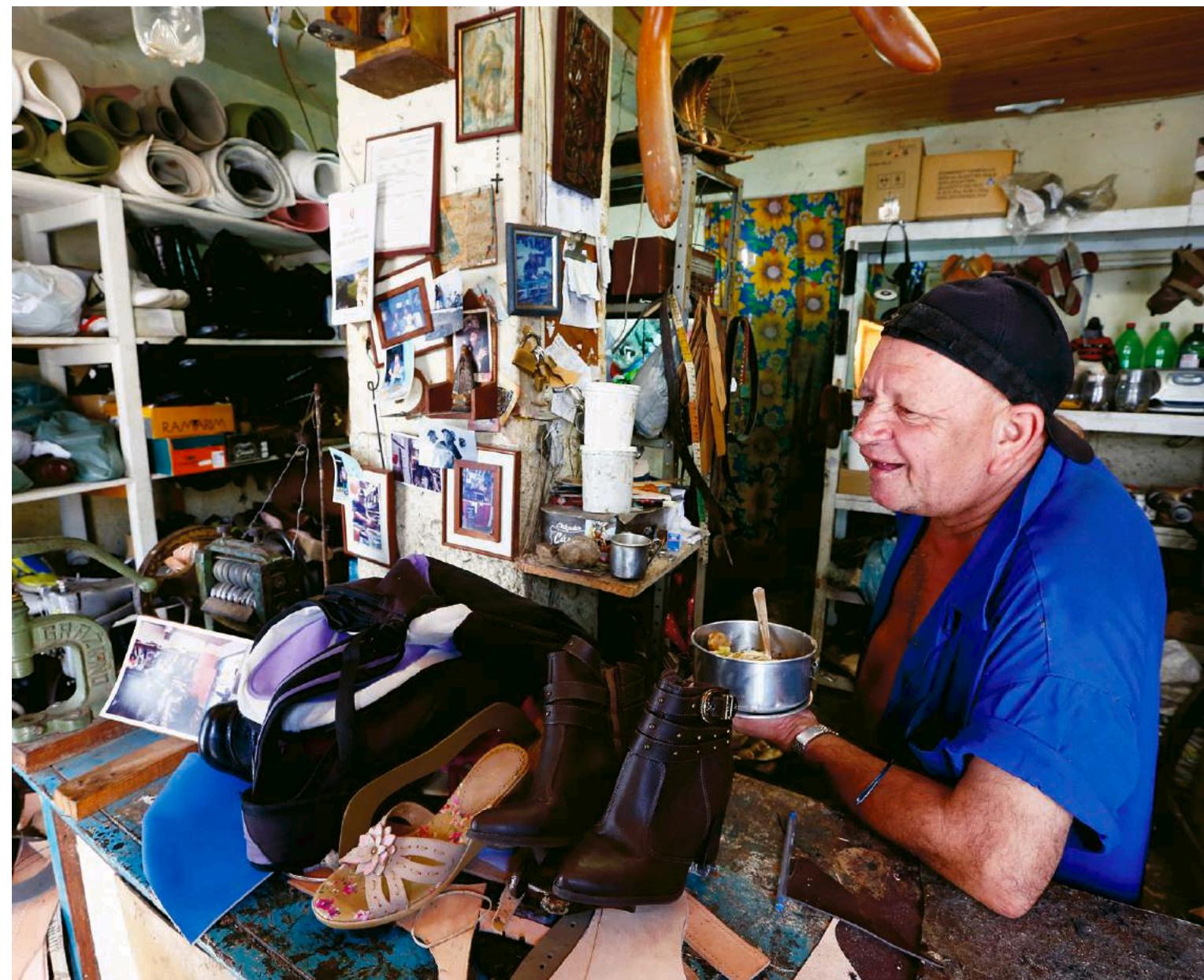
Fotojornalismo

O convidado seguinte do projeto Causos: fotos + fatos = história foi Ricardo Chaves, o Kadão, fotojornalista com carreira de mais de 40 anos – com a mediação de Enio Martins. E história é o que não falta a Kadão, ele falou por horas, mas a plateia continuou grudada em cada palavra sua: a narrativa era cheia de detalhes interessantes, aventuras, contextos de época.

A primeira foto escolhida por ele foi do ex-governador Brizola no período do exílio no Uruguai. O jornalista tinha uma ligação pessoal com o político: seu pai era secretário de Brizola, e participou da rádio Legalidade – que foi uma transmissão diretamente do porão do Palácio Piratini, num protesto de Brizola contra a tentativa de golpe. Em 1964, seu pai foi preso por causa da ditadura.

“Quem acha que ditadura é boa, tem que ler os livros de história e repensar, porque o bicho pega pra todo mundo”, enfatizou Kadão.

Kadão cobriu duas pautas com Brizola, a primeira delas foi quando, aos 23 anos de idade, foi a Montevideu no dia em que completavam dez anos do exílio do político. E a segunda pauta foi quando Brizola retornou ao Brasil, cinco anos depois. Kadão o fotografou em sua chegada épica em São Borja. Na época, ele trabalhava para a Revista Veja, que pagou para seus filmes irem



direto de Porto Alegre a São Paulo de avião. Em época de negativos em filme, a primeira vez que Kadão viu a sua foto foi já na capa da publicação.

A segunda foto escolhida por Kadão para o projeto foi a da visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Na imagem, lado a lado, se veem sapatos de políticos e o de um menino com sapatos velhos e pernas enlameadas. O fotógrafo contou que quando o Papa veio ao Brasil pela terceira ou quarta vez, ele trabalhava na agência do Estado de São Paulo, e assim acompanhou o Pontífice por diversas cidades do país. Em Goiânia, depois da missa, as autoridades estavam nos seus lugares marcados, até que um garoto invadiu este espaço. Ele queria pedir uma bicicleta para o Papa, e o governador permitiu que ele ficasse ali.

“Eu estava na área da imprensa, fiquei pensando, que país é esse, garoto com dedão pra fora, foi me dando um sentimento ruim. E então o garoto dá um abraço no Papa. Caí no choro. Um fotógrafo italiano pediu porque eu chorava, se a foto era ruim. Eu disse a ele: a foto é boa, o país é que é uma merda”, relatou Kadão.

A terceira foto de Kadão foi a de um acidente de avião ocorrido em Mato Grosso em 1989, devido a um erro de navegação. O piloto primeiramente foi taxado como herói, por fazer pouso forçado, mas um passageiro ouviu o comandante falando que tinha errado a rota, o que ocasionou a falta de combustível antes de chegar ao aeroporto. O avião caiu em um local isolado, de mata fechada. Quando Kadão chegou ao local da fazenda, que virou o ponto mais próximo para o resgate, ele conseguiu ir a pé até o local, mas não era permitido fotografar. Apenas no dia seguinte foi dada a permissão total, quando ele não conseguiria mais voltar ao local do acidente. Para resolver o problema, o jornalista pediu o filme de um tenente do exército que tinha fotografado de forma amadora, e assim conseguiu a foto perfeita para a capa do jornal no dia seguinte.



Ligação com o pampa

O convidado seguinte da tarde de sábado do Canela Foto Workshops foi o fotógrafo Leonid Streliaev, o Uda, com mediação de Fernando Bueno.

Uda contou diversas histórias da época que foi fotojornalista em veículos como o jornal Zero Hora e a Revista Veja. Ele sempre viajou muito por todo o Rio Grande do Sul, cobrindo mais de dois mil quilômetros por mês. Por isso, a primeira foto que exibiu foi a de uma estátua de um cavalo no pampa, região bem conhecida para ele - tanto que gosta de imaginar que influenciou um pouco a obra do escritor Erico Verissimo, pois as histórias que contava aos amigos estavam repletas dos cenários que depois apareceram nos livros. Para homenagear o escritor, Uda lançou um livro com uma releitura fotográfica de O Tempo e o Vento, chamado de “O Rio Grande do Veríssimo”.

“Minha alma de fotógrafo foi forjada na força do jornalismo.” Leonid Streliaev (Uda)

A segunda foto escolhida por Uda foi a da cobertura jornalística mais importante de sua vida: a morte do presidente argentino Juan Perón, em 1974. Uda estava na Argentina para a cobertura de um jogo do Brasil com o país vizinho, quando foi surpreendido pela notícia da morte do presidente.

“Essa fotografia jornalística você não consegue pensar muito, tem que pegar na hora. Fotógrafo tem que estar permanentemente ligado.” Leonid Streliaev (Uda)



Uda também falou sobre a sua amizade com Mário Quintana, e como fotografou o poeta em algumas ocasiões.

“Conseguimos fazer com que o Quintana morasse em um lugar melhor, pra ele viver bem e produzir em seus últimos anos. O jornalismo é uma chave, ele abre portas de uma forma impressionante”, disse o fotógrafo.

Atualmente, Uda não trabalha mais com fotojornalismo. Ele atua em publicações especiais, como o livro de Gramado, mostrando raízes da colônia, gastronomia, gente da terra.

Mestre

O último convidado do sábado do Canela Foto Workshops 2018 foi o fotógrafo Walter Firmo, considerado um mestre da fotografia colorida. A mediação dos casos ficou a cargo de Mozart Mesquita, da Revista Fhox. Surpreendentemente, Walter apresentou duas fotos em preto e branco.

“Estou hoje mais na sedução do silêncio do preto e branco do que na algazarra da foto colorida” comentou Walter.

Ao contar a história de duas fotos suas, uma de um palhaço dando um salto como fazia no circo, e outra de sombras durante uma fuga de presos, Walter foi taxativo: “A fotografia é a maior mentira que existe”. Isto porque ele pediu para o palhaço dar aquele pulo.

“Por que essa obrigatoriedade da fotografia ser verdadeira?

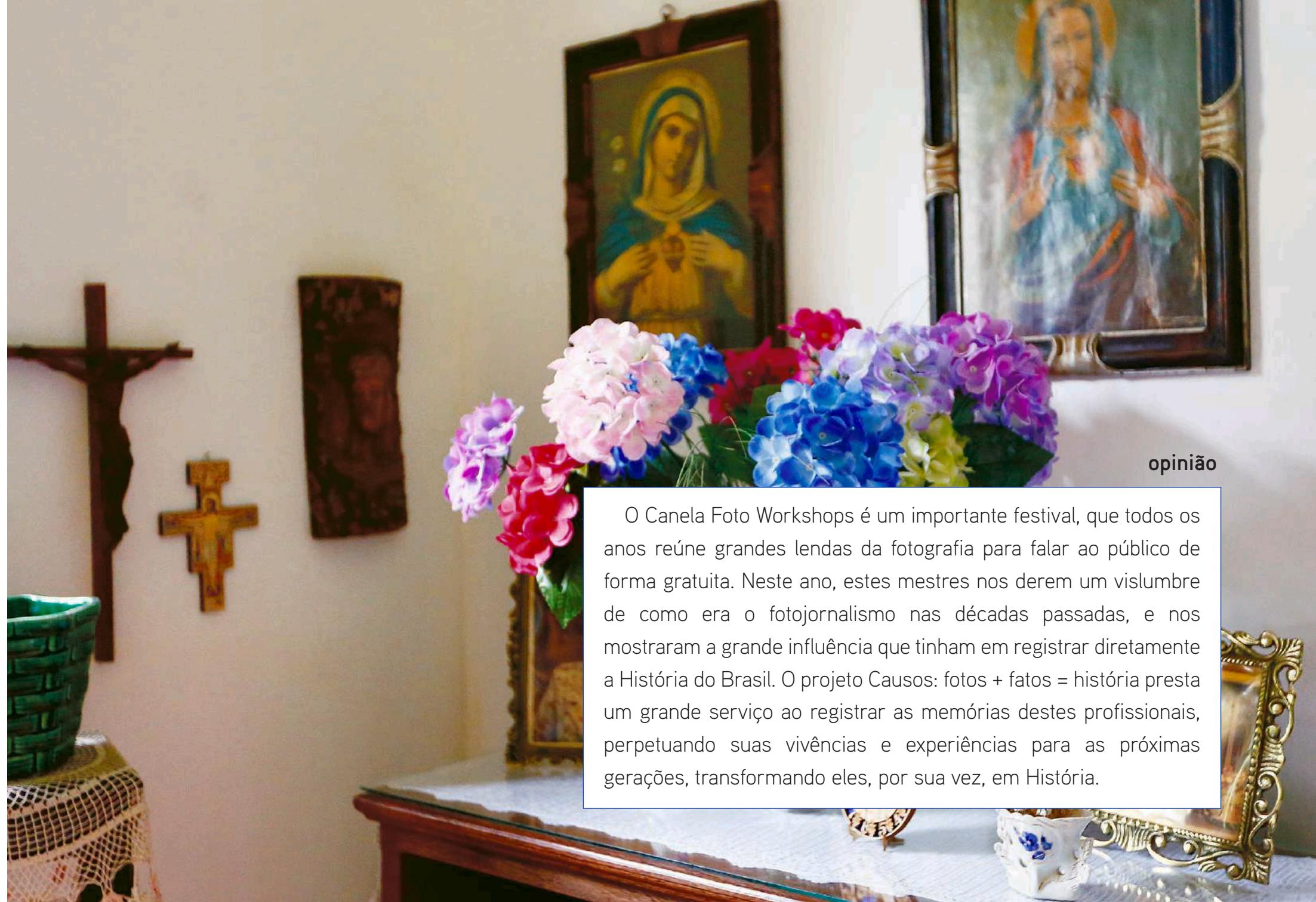
Eu estava fazendo fotos de uma fuga de presos na comunidade da Mangueira. Estava tirando fotos de sombra, ouvi policiais se aproximando, pensei, ah se eles passassem! E passaram correndo com as armas. E o que é verdade o que é mentira? Podia ter pedido aos policiais para posarem para a foto.” Walter Firmo

O que Walter conta nessa história vem de encontro ao conselho dado por Roberta Tavares, produtora cultural e codiretora da caravana da Magnum no Congresso Fotografar 2018: um fotógrafo preparado prevê, materializa sua foto muito antes dela ser concebida.

“Me considero um poeta da imagem. Estou me

redescobrimo. Quando vejo uma imagem na rua, uso o celular, faço coisas que não faria com minha câmera. Você começa a viver uma outra vertente fotográfica que não te deixa envelhecer, pois participa dessa loucura que se instalou em que todo mundo agora fotografa”, comentou Walter.

Ainda durante o Canela Foto Workshops 2018, conferimos a exposição do mestre Luiz Carlos Felizardo, no Arte na Cerca – que coloca fotografias literalmente na cerca para que os moradores da cidade também se integrem com o festival. Participamos também do coquetel de lançamento do Livro de Canela 2018. E também vimos a emocionante homenagem ao fotógrafo Rodrigo Baleia, falecido neste ano. Ainda na sexta-feira do festival, estivemos presentes na abertura da Exposição Lunara com apoio do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, com curadoria de André Severo.



opinião

O Canela Foto Workshops é um importante festival, que todos os anos reúne grandes lendas da fotografia para falar ao público de forma gratuita. Neste ano, estes mestres nos deram um vislumbre de como era o fotojornalismo nas décadas passadas, e nos mostraram a grande influência que tinham em registrar diretamente a História do Brasil. O projeto Causos: fotos + fatos = história presta um grande serviço ao registrar as memórias destes profissionais, perpetuando suas vivências e experiências para as próximas gerações, transformando eles, por sua vez, em História.

análise - festivais de fotografia

14° Paraty em Foco





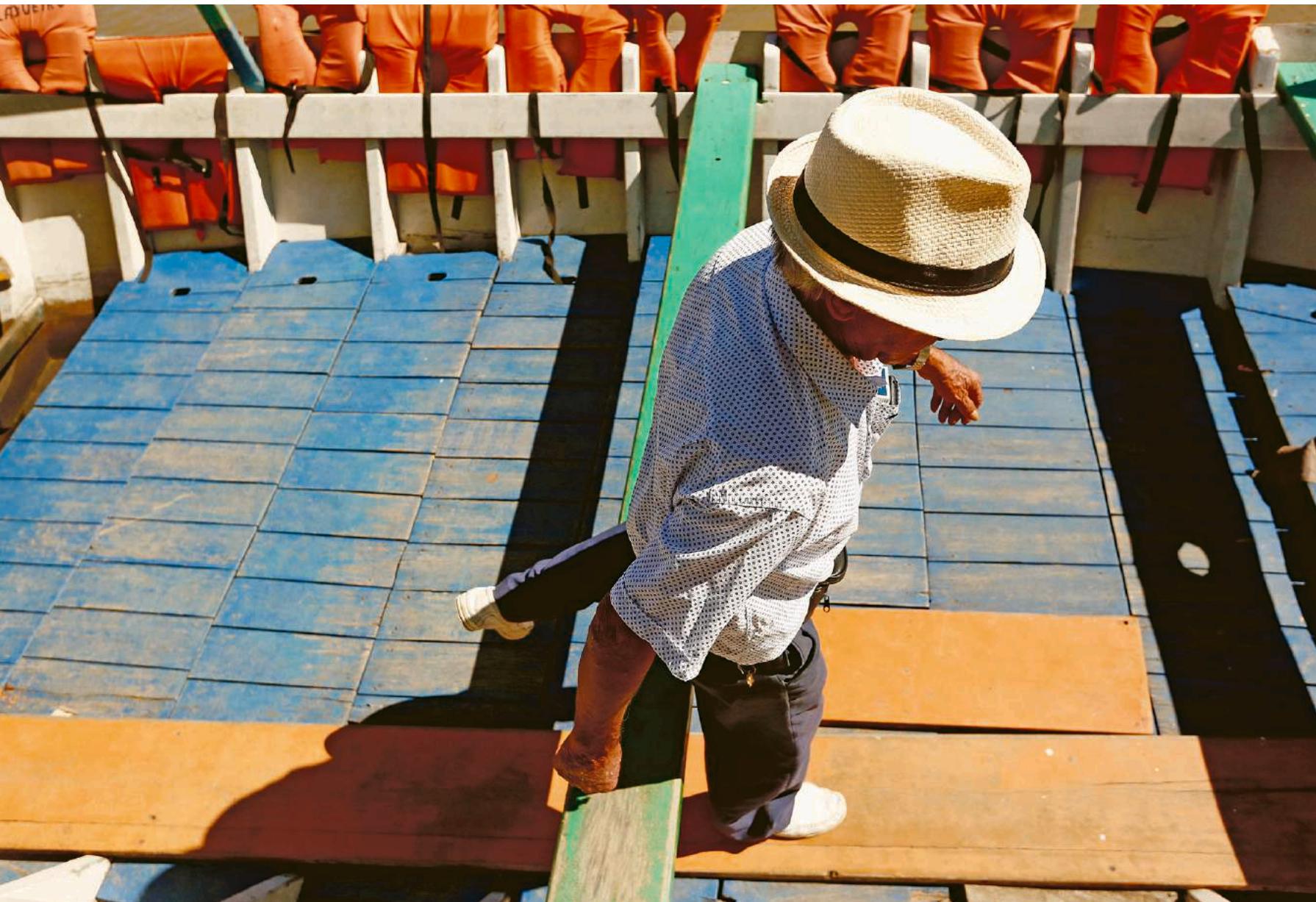
A fotografia está ocupando um papel tão fundamental na sociedade contemporânea que agora ela se reveste não mais apenas do conceito de “isso foi”, registrando sempre um instante do passado, como sugeriu o teórico Roland Barthes. Atualmente, o mundo das imagens, quando olha para questões prementes do nosso presente, adquire um contorno de “o que será”, projetando o futuro. Este foi o conceito mais importante que apreendemos do festival Paraty em Foco 2018, que tinha como tema “Fotografia: Utopia / Distopia”. Érico Elias explicou muito bem no blog Medium do evento a ideia do conceito:

“Quando as fotografias adentram criticamente no debate público, elas permitem mobilizar em torno de projetos de emancipação, sua função Utópica. Quando elas se limitam a reproduzir protocolos ou quando exibem o desenho de um futuro cruel,



assumem uma função Distópica.” Érico Elias

A 14ª edição do festival ocorreu entre os dias 19 e 23 de setembro, na turística cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. Trazendo diversos fotógrafos, provenientes de diversas áreas, o evento apresentou uma multiplicidade de olhares e de projetos, sempre na linha da utopia e/ou distopia, de uma forma muito bem costurada. O projeto curatorial do Paraty em Foco, não é de hoje, é um dos melhores que já vimos nos festivais de fotografia do país. Estivemos por lá em 2015 e também em 2017. Neste ano, a Sala de Fotografia não pode estar presente, mas acompanhamos as transmissões ao vivo de diversas mesas. Confira abaixo um pouco do que assistimos.



Primeiras mesas

A abertura do Paraty em Foco na quarta à noite trouxe Flor Garduño, uma das maiores referências da fotografia mexicana atual. Flor apresentou suas fotos ligadas ao mito, ao universo animal, aos índios. Contou histórias a respeito de cada foto que exibiu, coleção esta que desenvolveu nas últimas três décadas. No seu projeto Trilogia, são três séries: Bestiário, Mulheres Fantásticas e Natureza Silenciosa.

Ao ser questionada sobre as suas referências por Rosely Nakagawa, que comandou a mesa intitulada “Antropologia Onírica”, Flor citou os artistas Rembrandt e Caravaggio como inspirações que apuraram seu olhar. Ou seja: como sempre afirmamos, tudo conta e inspira na hora da fotografia, e o estudo de luz que os grandes mestres pintores desenvolveram até hoje podem servir de aprendizado para fotógrafos.

Já a primeira mesa da quinta-feira trouxe ao festival dois fotojornalistas, na mesa “Brasil: ontem, hoje e amanhã”, com Luiz Morier e Marcos Santilli - por Monica Zarattini.

Marcos Santilli contou sobre o seu projeto das transformações agrícolas e de ocupação do espaço em Rondônia, que iniciou na década de 1970 e prossegue até hoje. O fotógrafo relatou que trabalhava na editora Abril, e foi designado para uma reportagem na Amazônia. Lá, ele testemunhou a chegada dos migrantes do Sul do país em terras do governo. Ele percebeu, assim, que era a sociedade industrial se colocando sobre as sociedades tradicionais dessa região, como índios, seringueiros, garimpeiros, ribeirinhos, populações tradicionais da Amazônia. Ao entender que ia ocorrer uma transformação muito grande naquele território, resolveu começar a fotografar para um projeto pessoal. De acordo com Marcos, esta área de terra foi transformada com a maior rapidez na história da humanidade: em toda a sua história, nunca uma região se transformou uma tão rápido quanto aconteceu em Rondônia.

“O meu trabalho foi se desenvolvendo em vários subtemas. Um subtema são os índios, outro foi a ferrovia Madeira-Mamoré, que foi a primeira chegada do que chamamos civilização nessa região, e que impactou profundamente esses povos que lá viviam. E aí começaram a chegar caminhões e caminhões com famílias, um dia contei mais de 40 caminhões cheios de gente, imigrantes. Meu trabalho é sobre isso. Trabalho que conta como uma área virgem, primitiva, da Idade da Pedra Lascada, de repente se torna uma região industrial, transformando seus hábitos, sua economia,



sua cultura profundamente. Fui buscar essa história das sociedades primitivas se transformando, a chegada dos primeiros colonos...” Marcos Santilli

O convidado seguinte da mesa, Luiz Morier, sempre atuou como fotojornalista, inclusive é o único repórter fotográfico do Brasil a ganhar por duas vezes o Prêmio Esso de Jornalismo. O fotógrafo contou que sempre quis denunciar o que ocorria de errado na sociedade, e escolheu fazer isso através da imagem. Luiz foi exibindo diversas fotos suas, e o que ficou claro é que ele tem um senso de oportunidade único. Um exemplo disto é quando fotografou uma mulher que caiu em um enorme buraco na rua - mesmo quando sua pauta era sobre o som - e que foi primeira página do jornal no dia seguinte.

“A gente sai do jornal com a pauta, pra fazer uma matéria. E no meio é que você vê a coisa acontecer. Porque quando você vai fazer aquela pauta que todo mundo já sabe o que está acontecendo, chega lá e já vai ter acontecido, pode até ter uma cena, mas já aconteceu. Mas quando você está no meio do caminho, algo ainda pode acontecer. Fotojornalismo é isso: é você ver o acontecimento na sua frente. E não pode perder, tem que registrar.” Luiz Morier

O fotógrafo contou muitas outras histórias de pautas marcantes para ele, como a de uma família de moradores de rua que comiam ratos em Recife: o prefeito tinha prometido um quilo de carne pra quem levasse um quilo de ratos mortos, para

acabar com a infestação nas ruas da cidade. Mas estas pessoas assavam e comiam os ratos. Ou ainda a história da foto que lhe rendeu seu segundo Prêmio Esso: a pauta era passeio com turistas, pois estava na moda andar de jipe sem capota no Rio de Janeiro. Nisso entraram dois assaltantes, e Luiz fez a sequência de fotos do assalto. Levaram a sua câmera, mas ele conseguiu tirar e esconder o filme. O guia reagiu, mas ele se colocou na frente para os bandidos poupá-lo.

“Quem está atrás da câmera está sentindo a emoção toda daquilo que está acontecendo. Adrenalina, às vezes felicidade: você fica feliz com aquilo que está acontecendo. E a gente quando consegue passar uma emoção pela imagem que faz, é legal. A fotografia pra mim é isso: você passar a sua emoção, a sua visão pra quem vai ver.” Luiz Morier





opinião

Para a Sala de Fotografia, ficou claro que tanto as fotos de Marcos quanto de Luiz exibem um caráter da distopia que fazia parte do tema do festival deste ano. Ao retratar um presente de denúncias e de mudanças de um estilo de vida, suas fotos caracterizam um futuro passível de estar repleto de problemas. Mas o trabalho que eles prestam, apesar de apontar para esta direção de desesperança, trazem em seu cerne a ideologia de acreditar que, ao documentar, registrar, mostrar e apontar, pode-se mudar algo e ter um impacto para melhorar esse futuro.

“O objetivo é a gente denunciar. E é muito arriscada essa denúncia. Tive momentos de até a polícia apontar a arma pra mim e dizer: se fotografar, te mato. Em 77, quando fazia faculdade de jornalismo, quando comecei a trabalhar no Última Hora, eu podia escrever, mas optei por fotografar. Meu objetivo era mostrar o que estava errado a partir da imagem.” Luiz Morier

E, sim, pode sim haver resultados práticos destas denúncias. Luiz auxiliou na queda do governo do Estado ao fazer a foto que lhe rendeu o primeiro Prêmio Esso, na qual um policial segurava a corda onde estavam presos vários homens negros. A foto, com o título “Todos Negros”, de 1983, mostrava presos que pareciam escravos – sua acusação era a de vadiagem, pois estavam apenas jogando futebol, e mesmo tentando provar que eram trabalhadores, foram presos.

Já Marcos foi um dos primeiros a levantar a bandeira da defesa do meio ambiente em reportagens, ajudando a deixar este um assunto corriqueiro.

“Nessa época não se falava na devastação ambiental. Fui um dos primeiros a fazer essa pauta. Essa reportagem da Veja foi a primeira que juntava colonização, garimpos, construção das estradas... minha intenção era mostrar o que não era mostrado, e um pouco de paixão pela questão ambiental. E era muito difícil, a segunda vez que voltei a Rondônia, depois da matéria, as pessoas queriam me bater. Tive que sair disfarçado. Você mostrava, mas o risco era seu, sobrava para você. Era um risco grande, mas era uma coisa gostosa

também, porque você acreditava no que estava fazendo, e sabia que estava do lado bom da história. Eu acho que participei pra deixar isso um assunto comum.” Marcos Santilli

História

A mesa “Missões Fotográficas”, da quinta-feira do Paraty em Foco, trouxe Marcelo Greco e Monica Zarattini, por Keyna Eleison. Quem começou a fala foi Marcelo, e sua palestra foi uma verdadeira aula de história sobre um capítulo importante para a linha do tempo da fotografia: as missões fotográficas. Marcelo começou explicando o conceito.

“Missão fotográfica é um projeto criado por uma instituição pública ou privada, que agrega um conjunto de artistas - normalmente é um coletivo, no qual se estabelece uma proposta de exploração de um território e de todas as transformações sócio-culturais que esse território sofre ou sofreu. Nele, os fotógrafos têm total liberdade, sempre dentro de direção do projeto, e artistas são proprietários das obras, mas tem que ter clareza e consciência da sua responsabilidade política e social. Não existe um compromisso de ser um território que já conheça, muito pelo contrário.” Marcelo Greco

O fotógrafo explicou ainda que a primeira missão fotográfica que se tem notícia ocorreu em 1851 – pouco depois da invenção da fotografia, que data de 1839. Nesta época, a foto tinha um caráter científico, e foi por meio de uma sociedade com interesse em fotografia e ciência que nasceu o projeto de convidar cinco artistas – que depois vieram a ser fotógrafos, para traçar cinco rotas distintas cruzando a França

com o objetivo de registrar monumentos históricos em ruínas. O resultado disso foram 250 ampliações e negativos, o que é um volume absurdo para a época. O material ficou guardado, e somente em 2002 se fez um livro deste projeto. Este grupo que promoveu a missão fotográfica conseguiu criar, então, uma conexão entre artistas e cientistas, fazendo com que a fotografia, naquele momento, fosse considerada como uma ferramenta de manifestação artística, e não apenas de documentação.

Para Marcelo, o interessante desta sociedade é que seus integrantes foram os primeiros a criar um periódico sobre fotografia, chamado La Lumiere. Foi no âmbito dessa sociedade que o fotógrafo Blanquart Evrard desenvolveu o conceito de livro fotográfico e desenvolveu as técnicas e as formas de produção para a viabilização de livros fotográficos. Aqui no Brasil, ainda de acordo com o palestrante, tem-se pouquíssimo conhecimento sobre ele, que é extremamente importante para a história do livro de fotografia.

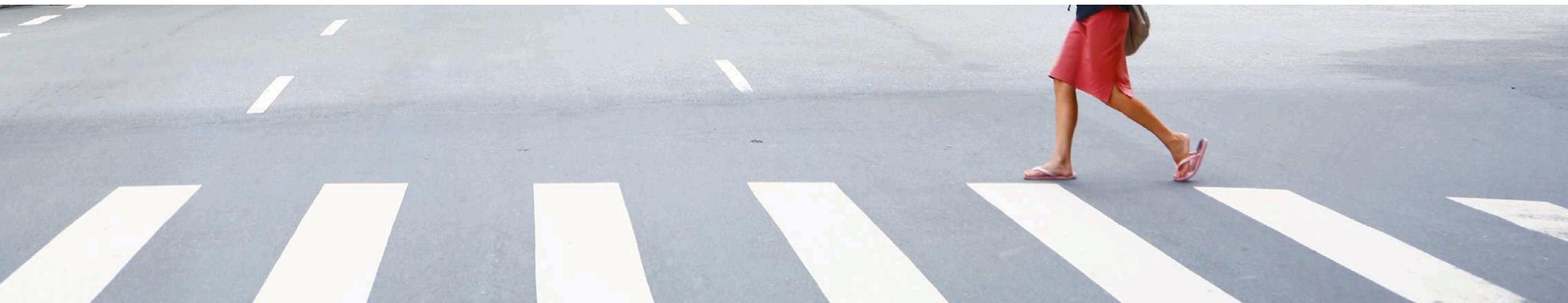
Depois desta missão, houve um grande intervalo de tempo até a próxima, a Missão Datar, que só viria a ocorrer na década de 1980. Durante cinco anos, 36 fotógrafos de diversos lugares do mundo – com o interesse de buscar o olhar estrangeiro sobre o território francês – registraram as transformações deste espaço como um todo, pois ali se vivia um período de grandes mudanças sócio-culturais devido a proximidade da formação da comunidade europeia. Um exemplo disso foi a desativação de muitas indústrias pesadas na França, já que esse tipo de atividade passaria para países europeus periféricos. Muitas questões estavam no ar, e que surgiram

como alicerces da missão para cada fotógrafo realizar o seu trabalho, como: com o que essas pessoas das indústrias vão trabalhar? Que movimentos culturais e de migração vão ser gerados? Ao fim, foram geradas duas mil ampliações como resultado deste projeto. Nomes como do italiano Robert Doisneau, Gabriele Basilico, participaram do projeto.

Do norte da França veio uma das missões fotográficas mais importantes da história. A região, na década de 1980, neste mesmo contexto, passava por um momento de desindustrialização de uma forma muito forte, pois era a sede da indústria pesada francesa, causando um grande problema de desorganização social. Além disso, estavam ocorrendo muitas outras transformações, pois com a União Europeia, ali iam se instalar os trens que ligariam Paris e Londres, e Oriente e Ocidente europeus.

Assim, Pierre Devin, fotógrafo e diretor artístico, criou um centro de fotografia no norte da França, chamado “Centre Regional de La Photographie Nord-pas-de-calais”, que procurava a recuperação de acervo fotográfico dessa região. Foi este o centro responsável por criar uma missão fotográfica chamada “Mission Photographic Transmanche” (MPT), que durou 20 anos – de 1986 a 2006, e que gerou a maior documentação da história da França. Foram convidados 28 fotógrafos, e se criaram 27 catálogos, originando uma coleção na qual cada artista tinha o seu catálogo, com a temática livre.

“Esse projeto da Mission Photographic Transmanche é fantástico, é monstruosa a importância que isso



tem pra história da fotografia francesa. Seus catálogos são comercializados até hoje pelo site do Centro. Primava-se pela qualidade de impressão que honrasse o trabalho do fotógrafo.” Marcelo Greco

Um dos fotógrafos que participou da missão fotográfica foi o francês Bernard Plossu – que hoje, de acordo com Marcelo, é talvez um dos fotógrafos vivos franceses mais importantes. Plossu resolve fazer o percurso de Paris a Londres de trem, indo e voltando no mesmo dia, para registrar a transformação da paisagem de quem antes ia de carro, captando a paisagem que se transforma. Junto com ele foi o escritor francês Michel Butor, que fez textos para o catálogo. Publicado em 1988, foi extremamente criticado pelo projeto gráfico, que continha ampliações e negativos, mostrando a paisagem que não consegue se fixar porque o trem segue a 300km por hora. Para Marcelo, o que Plossu fez é uma citação poética visual das paisagens que a gente não consegue fixar pela velocidade. Criticado à época, o catálogo hoje é objeto de colecionador.

Outro fotógrafo que participou da missão foi o inglês Martin Parr – hoje ele é um ícone da fotografia mundial, mas na época ainda não tinha



conquistado o reconhecimento. Ele também fez um projeto de um dia só, tal como Plossu. Na época, era mais barato para um inglês ir de balsa para a França para comprar bebidas alcoólicas, do que comprar na Inglaterra. Com sua ironia e cinismo tradicionais, o fotógrafo fez um trabalho incrível dessa movimentação de pessoas que partiam em busca de bebidas do outro lado do Canal da Mancha.

O fotógrafo tcheco Josef Koudelka também foi um dos convidados da missão. Ele resolveu registrar as marcas da Segunda Guerra Mundial neste território. Nesta região da França ocorreram grandes conflitos, e continua sendo onde a imigração do leste europeu entra na França, então é uma zona de muitos conflitos. Josef fez um catálogo em formato de sanfona com o resultado de seu trabalho.

Já Lewis Baltz, artista plástico alemão, fez um catálogo com formato diferente para deixar claro que fez instalação que usava fotografia, mas não era um livro de ensaio fotográfico como os demais. Seu trabalho foi sobre os sistemas de vigilância que estavam sendo implantados na cultura e na sociedade urbana francesa da época, com câmeras e sistemas de controle da nossa em tese livre circulação.



Outro projeto diferente foi o do artista polonês Wojciech Prazmowski. Seu trabalho utilizou materiais antigos daquela própria região, fazendo intervenções e criando novas obras. Wojciech pegou a frente e o verso de cartões postais, por exemplo, e transformou numa única imagem, colocando selos, nomes, tudo numa imagem só.

“Essa é uma característica interessante desta missão: ela foi muito ampla no uso da fotografia, e na questão da oportunidade de diversas manifestações diferentes com a imagem fotográfica”. Marcelo Greco

A única brasileira a participar dessa missão foi a fotógrafa Fabiane Figueiredo, em 2006. Ela fez seu trabalho sobre a imigração dessa região.

Fabiane é esposa de Pierre Devin – o fotógrafo criador do Centro que deu origem a Mission Photographic Transmanche. Ao se aposentar, Pierre foi morar na Provença, onde criou uma nova missão fotográfica, chamada “Lance Ventoux”. O projeto assumiu caráter bi-nacional, entre Brasil e França, que iniciou em 2014 e continua até hoje. A região da Provença também sofreu transformações muito fortes, com êxodo rural na década de 1980. Atualmente, há um fluxo de ricos europeus que compram casas nessas cidades medievais abandonadas, e as usam para veraneio. Estas cidades existem apenas para o turismo, no inverno não há ninguém, mas no verão há gente demais. E isso acarreta muitos problemas e mudanças, como grandes mercados extinguindo pequenos comércios locais. Marcelo participou deste projeto.

Este projeto, por ser um intercâmbio entre dois países, agora suscita a ideia de fazer duas novas missões fotográficas, desta vez, no Brasil: a Missão São Francisco, no rio de mesmo nome, e a Missão Saint-Hilaire, que cogita fotografar o percurso feito pelo botânico do século 19 que veio ao Brasil como pesquisador da flora.

A outra integrante da mesa “Missões Fotográficas”, Monica Zarattini foi mais uma das fotojornalistas convidadas pelo festival Paraty em Foco. A fotógrafa realizou duas missões fotográficas a Canudos, no sertão da Bahia. Sua primeira vez lá foi em 1989, para uma pauta do Jornal Estado de São Paulo devido aos 80 anos da morte de Euclides da Cunha, autor do clássico livro “Os Sertões”, e que também foi repórter do Estado. Nesta pauta, Monica refez o trajeto dele na quarta expedição da Guerra de Canudos – que foi a definitiva, quando o governo finalmente conseguiu esmagar o vilarejo comandado pelo beato Antonio Conselheiro. Nas outras três anteriores, os soldados foram expulsos com paus e pedras. Por fim, morreram 20 mil pessoas e 5 mil soldados, em 1897.

Em 2016, 27 anos depois da sua pauta, Monica voltou ao mesmo lugar para rever as pessoas que encontrou na sua primeira viagem, a fim de fotografar de forma mais livre. Projetou suas fotos antigas nas casas dessas pessoas, e foi fotografando atualmente. No fim, a fotógrafa fez um livro como resultado das suas duas missões fotográficas, na qual as fotos da década de 80 e as atuais aparecem lado a lado para demonstrar a passagem do tempo. A fotógrafa contou que, quando pensou em expor as fotos do livro, não quis que fosse em um museu.

“Vou expor em museu? Não, vou expor nas ocupações, porque Canudos foi uma ocupação, foi uma luta por terra, de um povo que não tinha onde viver, mas quando passaram a viver bem, o exército foi lá e dizimou.” Monica Zarattini

Assim, a fotógrafa, por meio de financiamento coletivo, fez banners com as fotos e colocou nas fachadas das residências com ocupações de pessoas que não têm onde morar em São Paulo. Segundo Monica, ela quis fazer um encontro da fotografia com pessoas das ocupações que lutam por moradia. Afinal, algumas são nordestinas, mas seus filhos, nascidos em São Paulo, não sabem o que é o Nordeste, e esta era a sua chance de mostrar a eles as paisagens e o que é a caatinga.

Escolas

A quinta-feira do Paraty em Foco também trouxe o curador Eder Chiodetto – que está retornando a sua atividade de fotógrafo com o livro que também intitula a mesa “Ser Diretor”. Sua palestra foi conduzida por Ângela Magalhães e Nadja Peregrino.

Eder contou que, ainda em 2002, desenvolveu uma



pauta para o jornal Folha de São Paulo na qual fotografou 36 escritores brasileiros no lugar onde eles escreviam. Depois, acabou transcendendo a pauta, e fez livro “O lugar do escritor”, que ganhou o prêmio Jabuti, e lhe inspirou a sair do jornal para trabalhar em projetos pessoais. Quinze anos depois do lançamento desta obra, o Instituto Unibanco o procurou com a ideia de fazer um novo livro, mas desta vez substituindo os escritores por diretores de escola. A instituição, que há 15 anos trabalha com ações para melhorar o ensino público no Brasil, criou o projeto Jovem de Futuro, que em parceria com secretarias de educação dos estados oferece cursos de capacitação para gestores e alunos, oficinas, grupos estudantis, entre outras ações.

Este projeto já foi implantado em seis estados, os quais Eder percorreu cinco escolas em cada, durante sete meses de trabalho. O resultado é um livro cheio de imagens e entrevistas que o fotógrafo fez com os diretores, e que está disponível no link <http://livroserdiretor.org.br/>

Eder contou diversas histórias do que viu durante o projeto, como de uma escola em Santarém, no Pará, na qual o muro caiu há dez anos, e assim a diretora precisa negociar para que traficantes não invadam a escola. Quando começaram a desaparecer somente as lâmpadas da escola, sem que nada mais fosse furtado, ela ficou sabendo que os traficantes as roubavam para moer junto com a cocaína e aumentar seus lucros.

“É um ensaio que tem uma certa densidade, na verdade, tenta radiografar um pouco o estado de espírito da atual educação no Brasil. Tem muita gente incrível batalhando contra toda adversidade para tentar melhorar o nível do ensino, mas nada contra uma corrente fortíssima com a falta de estímulo, falta de cursos continuados para professores, sem falar dos baixíssimos salários”. Eder Chiodetto

Nos textos e entrevistas com diretores, também há soluções, e não apenas uma apresentação dos problemas ou denúncias. De acordo com Eder, muitas falas também são emocionantes, com histórias e soluções simples e incríveis.

“Na minha trajetória, trabalho com artistas de diversos motivos, desde foto experimental, abstrata, conceituação muito forte, e também com documentaristas. A minha escola foi o

fotojornalismo. Mas nos grupos de estudo lá em São Paulo eu gosto muito quando mistura fotógrafos dessas duas correntes, digamos assim. Porque no fundo a gente está sempre tentando buscar uma expressão mais legítima possível, a partir de uma certa sensibilidade. Quando vou pra esse projeto, e tenho esse flashback emocional, pensei que não podia fotografar de um lugar que não seja o dessa emoção e pensando numa fotografia de um caráter mais sensorial mesmo. Nunca acreditei numa fotografia documental que é um dedo duro apontado para a realidade, ‘ah, isso é assim’. A escola é um universo de muitas dificuldades, de gente incrível, todas juntas nessas complexidades.” Eder Chiodetto

Delírio visual

O incrível trabalho do fotógrafo francês Nicolas Henry esteve na mesa “Tecer o Futuro”, comandada por Miekele Petruccelli. Nicolas já rodou o mundo para construir o seu projeto “A Cabana de Nossos Avós”. Nele, convida avós de diferentes vilarejos para contarem histórias. A partir desses relatos, Nicolas cria imagens construídas com elementos e encenações que envolvem toda a população local. O resultado são fotografias que brincam na fronteira do imaginário, mas que tem muito de resgate de um modo de vida tradicional, adentrando diretamente no tema da utopia do Paraty em Foco deste ano.

O fotógrafo francês contou que a ideia para o projeto surgiu quando tinha 20 anos, ele visitava a sua avó e se perguntava sobre o que iria conversar com ela. Quando precisou fazer uma foto para a universidade, fez um pequeno teatro com ela, aproveitando os elementos que ela fazia à mão, com costuras diversas. E a foto agradou pela sua dimensão humana. Depois disso, ampliou o projeto, pensando em colher a palavra de avós em muitos lugares, questionando o que tinha mudado no mundo desde quando eram crianças até então.

Ele também criou um outro projeto, que se chama “Cabanas Imaginárias ao Redor do Mundo”. Essa ideia surgiu quando Nicolas estava preparando uma foto em uma região com duas cidades, uma hindu, e outra budista. O fotógrafo contou que colocou saris vermelhos – que é um símbolo hindu – em uma árvore de uma forma como se fossem bandeiras de orações budistas no Tibet. Nesse momento, as duas comunidades vieram, os hindus desceram, os budistas subiram, e se encontraram no momento que essa foto ia ser feita. Isso gerou todo um diálogo, que ultrapassou todo o ponto de vista conceitual da representação teatral, e finalmente o momento fotográfico se tornou mais importante que a própria fotografia. Nicolas contou que quase abandonou a ideia de fazer a foto para que a comunidade pudesse conversar. Foi esse momento que propiciou um diálogo - que se transformou em um debate - que deu origem a um novo projeto - o das cabanas imaginárias.

opinião

O que Nicolas relata aqui é um conceito que aprendemos com o próprio Paraty em Foco em 2015: o resultado das imagens não é mais o único objetivo da fotografia, não é o único aspecto para o qual devemos olhar. Em um mundo imagético, conta muito mais a análise da produção, do contexto da história de como isso chegou até ali, do que o resultado fotográfico em si. E os resultados que o fotógrafo francês alcança são de fato incríveis. Com muita imaginação e simbiose, ele cria verdadeiros quadros cheios de simbolismos e significados.

“O grande objetivo do projeto das Cabanas Imaginárias é a tomada da palavra. Ele tem o objetivo de ser aquele que vai funcionar como um transmissor, permitir que as pessoas possam se expressar e que elas possam falar, essas pessoas do mundo inteiro, das dificuldades que elas têm, das alegrias. E há diversos capítulos: há capítulos sobre a colonização, sobre a violência, mas há capítulo também sobre o direito de escolher o próprio amor, pois no mundo metade das pessoas não têm a possibilidade de escolher com quem querem ficar. Há também um capítulo sobre o direito das mulheres, e sobre as crianças. Então o que quis transmitir nesse projeto foi justamente um percurso que vai desde a infância até a morte em diversos países e em diversas comunidades. O porquê deste projeto é buscar as semelhanças que existem entre os países e as comunidades para que possamos nos compreender melhor, e conseqüentemente ter menos medo, menos apreensão com relação ao futuro – um futuro sem guerra, sem violência e com muita esperança.” Nicolas Henry



Ao longo de sua palestra, ele foi exibindo outras fotos do projeto Cabanas Imaginárias, e contando o contexto de cada produção. Um exemplo foi uma foto criada por ele no Senegal, que aparece um bote com tripulantes em um mar de cobertores. A ideia foi refletir sobre a situação no Mar Mediterrâneo, com uma quantidade enorme de imigrantes que morrem no mar. O fotógrafo acredita que temos o dever de nos colocar essa questão: quando uma pessoa se encontra abandonada no mar, o que podemos fazer, podemos salvá-la?

O professor, fotógrafo e curador Mিকেle Petruccelli, convidado que comandou a mesa de Nicolas, explicou muito bem o trabalho do fotógrafo. Para ele, o resultado de seus projetos é emocionante.

“O trabalho dele é incrível, esplendoroso, a memória coletiva e a reencenação das tradições locais, é quase um delírio visual. Porém eu acho importantíssimo não se deixar levar pela grandiosidade de toda a cena, e deixar de prestar atenção em um ponto que pra mim é fundamental: que por trás de tudo isso existe um trabalho de documentação. E esse trabalho que envolve o resgate de memória e identidade são fundamentais para você poder tecer um futuro mais amoroso, mais harmonioso e mais sustentável.” Mিকেle Petruccelli



Adentrando no contexto da documentação na fotografia, Mিকেle aprofundou sua fala, refletindo que sempre existiu uma tradição ligada à fotografia documental que determina uma série de características e regras, apresentando assim um conflito com fotografias encenadas. Mas, lembrou ele, desde uma das primeiras fotografias já houve algum tipo de encenação. Na foto captada por Daguerre do Boulevard consegue-se ver alguém engraxando uma bota na imagem. Foram muitos minutos para ser feita essa imagem, e por isso não se veem pessoas nela, apenas o engraxate, mas será que ele ficou espontaneamente 7 ou 8 minutos engraxando uma bota? Para Mিকেle, esse tipo de debate pode ser infrutífero, pois só conduz ao que se acredita da relação de valor de prova de uma fotografia.

“Essa reflexão sobre esses dogmas é pra poder rever e pra poder dizer o quanto eu admiro e gosto do trabalho do Henry. Tanto na simbologia do resgate, de valores que foram sendo engolidos pela sociedade de consumo, no momento que traz idosos e conversa com eles e tenta fazer uma história ele está misturando ficção e realidade, a ficção na construção de cenas, de um mundo imaginário, que contudo é construído a partir da realidade de longas e valiosas experiências de vida. Suas imagens são sobretudo testemunhas de um diálogo. Cada fotografia sua nos conta uma história que mistura sonhos, esperanças, alegrias, mas também carregam questionamentos sobre a sociedade de consumo, choque de civilizações, choque de gerações, as idades da vida, assim como uma sutil mas forte violência que vêm dos meios de comunicação com seus excessos. Porque acabaram por deslocar o valor e a importância da transmissão de conhecimento das histórias contadas pelos nossos pais mas principalmente pelos nossos avós. Essa situação acaba por escancarar uma situação que considero triste e até um certo ponto terrível, que o que antes era sinônimo de sabedoria, e a grande autoridade da figura dos avós, hoje se transformou em solidão e fraqueza. Projetos como A Cabana de Nossos Avós, assim como Cabanas Imaginárias ao Redor do Mundo, são carregados de utopia fundamental em abraçar e conversar sobre encontros humanos.”
Mিকেle Petruccelli

Mito

Outra convidada que trouxe um mundo de sonhos e mitos ao Paraty em Foco foi a paraense Elza Lima. Na mesa “Amazonas”, comandada por Marcia Mello na sexta-feira do Festival, a fotógrafa contou sobre o seu projeto que ganhou o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia 2010. Suas fotos registram mulheres que vivem às margens do rio Nhamundá,



no Equador. O explorador espanhol Francisco Orellana descreveu estas mulheres como sendo as amazonas da mitologia grega, quando fez uma viagem até a foz do rio entre 1541 e 1542. Ele narrou ter visto mulheres brancas que atiravam flechas contra o seu barco, e assim ajudou a nomear não só o rio, mas também toda a floresta amazônica.

Elza contou que a concepção das suas fotos trabalhou com a ideia de que o que era em terra era real, e o que era da água era o espaço do mito. Ela pesquisou muito sobre as lendas que envolvem as amazonas para transpor isso para as suas fotos.

“Hoje eu leio muito antes, pesquiso, às vezes até construo a imagem. Nos primeiros trabalhos era muito livre, ia em busca da minha memória. E agora eu vou em busca da história, coloco a mitologia no meio. Hoje em dia gosto mais de pesquisar do que fotografar.” Elza Lima

A fotógrafa também falou em como a literatura influencia a sua fotografia.

“Eu acho que a literatura é a primeira formadora do olhar. Quando se lê se aprende a olhar também. A literatura influencia em geral no meu trabalho. A imagem começa com a palavra. Eu acho que na literatura tu vai criando e imaginando os personagens. Então eu acho que a literatura é uma forma de treinar o olhar.” Elza Lima

Cidades

“Construir uma Cidade, Constituir uma Coleção” foi outra mesa da sexta do Paraty em Foco, que trouxe o diplomata, fotógrafo e colecionador Joaquim Paiva para conversar com Pedro Karp Vasquez.



Maior colecionador privado do país, Joaquim mostrou as fotos que ele mesmo registrou no surgimento de Brasília: ao contrário de outros fotógrafos, ele preferiu registrar a ocupação humana ao invés da arquitetura – fotos estas reunidas em livro.

“O que faz meu livro, essa minha visão ser diferente da maioria das visões é que sempre se fotografou Brasília para elogiar um projeto utópico fantástico de uma capital. Os fotógrafos preferiam registrar essa cidade utópica símbolo de um ideal utópico urbano da primeira metade do século 20, e não fotografavam cor, e nem o povo, preferiam fotografar em preto e branco. Eu procurei fazer a cara do povo a cores. A passagem do tempo mostrou que a utopia foi interessante, mas como quase toda utopia foi ilusão, não se concretizou como capital da irmandade, capital de um país mais justo.” Joaquim Paiva

Tatewaki Nio, o convidado seguinte no festival, também trouxe representações de cenas urbanas

para seu projeto. O fotógrafo japonês, mas que mora no Brasil desde 2008, falou na “Mesa Zum - Transfusões, Migrações, Patrimônio”, por Rachel Rezende. Tatewaki ganhou a bolsa Zum para executar o projeto “Na Espiral do Atlântico Sul”, realizado em São Paulo e em alguns países da África Ocidental. Um tema por ele fotografado – influenciado por um livro do fotógrafo baiano Pierre Verger – foi a arquitetura dos chamados retornados – escravos que foram deportados do Brasil de volta à África, levando as influências brasileiras para o seu continente mãe. Tatewaki também procurou englobar em sua fotografia retratos e paisagem urbana, seguindo três tipos diferentes de diretrizes dentro seu projeto principal: as pegadas dos retornados; estou aqui, sou daqui; e megacidades.

Já tínhamos visto Tatewaki Nio falar no Valongo 2016, quando ele apresentou as fotografias de arquitetura que fez na Bolívia, com o projeto Neo Andina.



Natureza

Um dos mais celebrados fotógrafos de natureza do Brasil também desembarcou no Paraty em Foco 2018. Araquém Alcântara, com seus 53 livros publicados, conversou com Walter Carvalho na mesa “Colecionador de Mundos”, na sexta à noite do festival.

Araquém contou que sempre leu muito, e assistiu mais filmes ainda. Ele começou como fotojornalista, mas sentia que algo estava errado. Até que entendeu que era o sentido de obrigação, pois quando pegava a câmera em seus momentos livres, a sensação era outra – tinha tempo para exercitar a paciência e a contemplação.

“Tem gente que hoje tem muita pressa pra roubar a cena, fazer a foto, logo publicar no Instagram e logo dizer: eu sou bom. E não é bem assim. Essa busca da imagem perfeita é uma saga de você observar movimentos, volumes, perfis. Tem que exercitar muito e oferecer o trabalho a críticas. Não pode parar no computador.” Araquém Alcântara

O fotógrafo também contou histórias sobre as suas fotografias. Um exemplo foi a que registrou o seu pai segurando um quadro com esqueletos de Hiroshima em frente a um cenário natural no litoral de São Paulo no qual o governo queria criar duas usinas nucleares e desapropriar os índios caiçaras. Araquém pensou o que a fotografia poderia fazer para impedir essa construção, e foi assim que surgiu a ideia para esta foto.

“A fotografia pode ser inventada, pode ser construída. Fotógrafo é aquele que do banal cria algo absolutamente revelador.” Araquém Alcântara

Para ele, qualquer um pode fotografar, mas é preciso treinar muito.

“Acho que todos podem fazer fotos maravilhosas, o que precisa é castigar os olhos, é buscar exercícios mentais, o exercício contínuo e sem fim, para assim realçar a inventividade. O clique é um grande desabafo, às vezes você fica caçando, caçando e não rola. Você sente isso, mas de repente uma unidade rigorosa de formas, como dizia o Bresson, se estabelece na sua frente como que por encanto. E você ao dar o clique sente um raro e indefinido prazer que é quase orgástico, é um encontro com a beleza. E a beleza, já dizia Proust, é o sagrado. Eu busco nas minhas fotos o sagrado.” Araquém Alcântara

Já tínhamos visto o Araquém no mesmo festival Valongo que vimos Tatewaki.

O 14º Paraty em Foco, tal como todos os festivais de fotografia do país, sobrevive pela resistência. Tal como já ocorreu no ano passado, o evento foi realizado sem nenhum patrocínio de leis de incentivo. Desta forma, as palestras deixaram de ser gratuitas, mas o custo também não era demais: R\$ 25 por mesa. A convocatória e o Prêmio Projeto Curatorial também eram pagos, bem como workshops e leituras de portfólio. Essa é uma forma de autofinanciamento e de continuar existindo mesmo com tantos ventos soprando contra no cenário cultural do país.

O Paraty 2018 contou com cinco dias de programação, com quatorze mesas e mais de 30 convidados nacionais e internacionais para elas. Isso sem falar nas exposições, leituras de portfólio, convocatória, projeções e lançamentos de livros. Os números impressionam, mas o Paraty em Foco vai muito além da quantidade. A qualidade de conteúdo e aprendizado que o festival proporciona são impossíveis de serem calculados. Por mais que as mesas tragam os convidados narrando os seus projetos, as narrativas apresentadas vão muito além de

inspirar quem segue na carreira da fotografia. Mesmo sem realizarem discussões teóricas e que se entrelaçam com outras mesas e outros participantes, ao fim percebemos uma costura curatorial por meio do tema “Fotografia: utopia / distopia” do festival. O que os fotógrafos que subiram ao palco mostraram foi uma verdadeira aula de visões de mundo diferenciadas, que aproximam o humano e que tem uma relevância fundamental para a sociedade. E nisso o projeto curatorial, precisamos reforçar, se destaca. Os convidados apresentaram relevância e coerência com o tema do festival deste ano que, aliás, continha em si uma lucidez mais do que necessária para os tempos contemporâneos.

Sendo assim, o Paraty em Foco acaba por se constituir como um evento imprescindível para quem quer ter o seu foco na fotografia autoral. Mas não apenas. Como vimos ao longo deste texto, e de tantas análises de festivais que fizemos, tudo conta para a inspiração de um fotógrafo. Mesmo para quem quer seguir na fotografia comercial, eventos como o festival de Paraty abrem mentes, não apenas para a transformação profissional, mas também pessoal.



Blog da Sala no Portal Fhox

Fotografia: a relatividade de nossas certezas

Por Liliane Giordano e Sabrina Didoné





O tempo. Esse que se refere à duração relativa das coisas, e que nos dá a ideia de passado, presente e futuro. Essa unidade que anda tão escassa para todos nós na contemporaneidade, e que tanto nos causa ansiedade. Mas o fotógrafo não deveria ser um senhor dos segundos, já que a fotografia representa uma parada no tempo? Um congelamento de um instante para toda uma

eternidade? Ainda, aquele que produz memórias que perduram, já que observa mais atentamente e grava os detalhes por meio de suas lentes, transformando o ordinário em extraordinário?

Contudo, nessa ânsia de nos jogarmos nos instantes, acabamos esquecendo desta pausa que representa a fotografia. Ao agir com pressa, o fotógrafo, por vezes, acaba encontrando atalhos no percurso, não compondo assim da melhor forma, não enxergando nas entrelinhas os detalhes e as



emoções. Sem tempo para contemplar, não percorre o caminho com um olhar mais atento. Acaba ficando muito atrelado ao resultado, ao seu objetivo final, e então esquece de viver o processo de criação da fotografia.

Muito antes de apertar o botão da câmera, é necessário um momento de pausa, de contemplação. Esse tempo pode dar o acaso, é a imagem a ser captada que se mostra. Na pressa, pode-se acabar por registrar uma cena momentos antes de um instante decisivo. Há que se esperar os acontecimentos.

Cada vez mais é preciso tempo, tempo para olhar mais que ver, tempo para registrar, e tempo para se questionar. Quando ocorrem questionamentos, dúvidas, então é possível relativizar as certezas que se criam. E assim podemos perceber outros elementos, outros detalhes, outros sons, outros cheiros, outros lugares, outras sensações, outros movimentos. A dúvida é o combustível da criatividade, da ciência, da mudança.

Nas pausas, nas andanças sem pressa, o fotógrafo pode então se permitir tempo para a criatividade. Mas também para criar memórias indelévels. O grande poder do fotógrafo não reside, portanto, em só parar o tempo, mas também em observar o que se passa no tempo. Ele, então, tem e desenvolve a cada dia esse apuro visual, essa acuidade, essa agilidade em acertar o momento.



Conforme o que seu olho capta, acaba por ter determinada relatividade de uma certeza. Assim também o faz quem olha o resultado em imagem. Cada um percebe de uma maneira, faz a sua leitura. E, quando se olha com calma, novamente entram em jogo a relatividade, a dúvida, a contemplação ou o descarte da primeira impressão carregada, ou não, de pré-julgamentos.

Estamos em um momento oportuno para refletir sobre o tempo na fotografia: não apenas das mudanças tecnológicas, mas também do que a técnica que permite congelar o instante significa para uma sociedade com cada vez mais pressa. Além disso, é oportuno pensar não só o que o tempo na fotografia representa para o mundo concreto, mas também para o próprio universo imagético.

A transformação da fotografia coincide e também é responsável por uma mudança significativa, dinâmica e portátil, considerando as transformações e características do mundo contemporâneo. Estamos percorrendo o universo da transividade dos processos na fotografia, da hibridização entre ciência, arte e

tecnologia, e com certeza tentando acertar o foco, construindo para isso um espaço e tempo interdisciplinares. Interdisciplinaridade esta que está intimamente ligada às possibilidades criativas, já que é a conjugação de múltiplos saberes.

Na urgência a que nos acostumamos, passamos muito rápido pela transição dos processos na fotografia, e nem sempre questionamos as mudanças. É extremamente importante pensar que este momento de transitividade fez com que muito da fotografia se tornasse instantânea e efêmera, ficando assim muitas vezes desassociada de um contexto histórico, político, cultural e social. Ao clicar sem tempo, na pressa cotidiana, o fotógrafo pode acabar reforçando essa desassociação, e acaba sendo também um instrumento a inundar ainda mais o nosso mundo com imagens deslocadas, que perdem o interesse no segundo seguinte. O desafio está em produzir imagens que perdurem, que tenham significado, que criem redes, conexões. O desafio é usar o tempo a favor da fotografia, criando a partir de imagens novas formas de contar histórias, narrativas que podem quebrar estereótipos e preconceitos.

Apesar de representar uma parada no tempo, o tempo próprio da fotografia se acelera agora, onde muito é produzido a cada minuto. Fotografia também precisa representar uma pausa para observar, para ler uma imagem, ou então para ver sem clicar, se aproximando assim do que se quer retratar.

O tempo também está na fotografia quando se pensa na possibilidade de interpretação, já que, para interpretar, entram em jogo o conhecimento de mundo, interesses e expectativas do observador, além de considerar o espaço e o tempo necessários para isso. Há dois tempos na fotografia: um tempo do ver, olhar e clicar; e o tempo do ver, olhar e pensar.

**Texto publicado originalmente no blog da Sala de Fotografia, inserido no Portal Fhox, em agosto de 2017





curadoria - exposições fotográficas

Jardim Elétrico

Por Zuza Seffrin

Zuza Seffrin exibiu no mês de julho de 2018 suas fotos no Espaço Vila Flores, Distrito Criativo de Porto Alegre. A curadoria foi de Liliane Giordano, da Sala de Fotografia. Confira o texto de conceituação da exposição e algumas das imagens de Zuza.



Um jardim, imaginamos, é um espaço murado de contemplação para além da soleira da porta de uma casa. É um lugar para se olhar a beleza dos elementos naturais que nos cercam. Mas e se imaginarmos um jardim como um espaço amplo, para além de qualquer cerca?

E expandir o olhar é o que precisamos, neste mundo míope que vivemos, condicionados a olhar tudo de muito perto, grudados em telas e páginas, nos quais os nossos olhos nunca se espicham até a linha do horizonte, até onde a visão alcança. Nem é possível, já que toda vez que tentamos olhar ao longe, na cidade, esbarramos com uma confusão de objetos muito próximos.

E então, se imaginássemos o jardim como algo que fica para além da soleira da porta das cidades? Se olhássemos os campos que as cercam como esse nosso espaço de contemplação? Então, todos os elementos nessa natureza poderiam ser apreciados sem pressa. Mesmo o que é construção humana pode ser revalorizado, dessa forma.

Assim surge a exposição fotográfica Jardim Elétrico. As fotos de Zuza Seffrin revelam uma paisagem cruzada por fios e postes de luz. E essas linhas que cortam as imagens trazem mais que um elemento à paisagem. Servem para percebermos que esses fios são a interligação do campo com a cidade, são ligações com lugares distantes que se conectam a nós por meio desses fios. É o que conecta lá e cá. Os fios e seus suportes, os postes, acabam por trazer os elementos da água, da terra, em forma de energia a cada casa. E, depois, conectam às casas umas às outras. São, portanto, uma forma de aproximação, união.

E se fizéssemos um exercício de seguir o fio que chega à nossa casa até de onde ele parte, onde iríamos parar? O que veríamos no caminho até a geração da luz que nos permite uma vivência noturna e cercada por eletrodomésticos? Certamente passaríamos pelas paisagens desnudadas aqui pelas fotos de Zuza. Veríamos o pôr do sol de uma outra maneira. Enxergaríamos nuvens de todos os tipos.

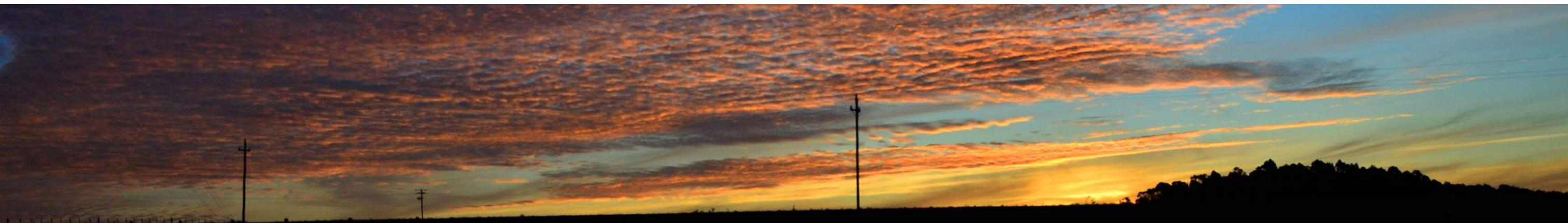
Teríamos, por fim, a chance de esticar a visão até a linha do horizonte.

As fotos de Zuza enquadram, integram os postes à paisagem, um elemento que por muitas vezes passa despercebido ao nosso olhar – ou, quando o notamos, o classificamos como um distúrbio, um ruído à paisagem. Muito mais do que ressaltar interferências, suas imagens mostram então a simbiose entre o que é humano e o que é da natureza – os postes servem de fundação às casas de passarinhos como o joão-de-barro, são o suporte para plantas trepadeiras subirem, servem de estrutura para as raízes de cactos.

Por mais que estes objetos sejam, sim, interferências e ruídos às vezes, temos que lembrar que são parte fundamental de como se constitui a nossa sociedade. E, querendo ou não, nos cercam. As fotos de Zuza nos mostram a beleza que há nesses objetos integrados à natureza. Se vamos querer modificá-los, bem, por primeiro, é preciso percebê-los, e não descartá-los de nosso olhar como elementos que perturbam a paisagem.

O tamanho grande da ampliação das imagens serve, justamente, para chamar a atenção para estes elementos, estas sombras e ruídos. Já as molduras, de madeira, remetem aos velhos postes que, construídos com a matéria do caule das árvores, era mais uma prova da simbiose entre a natureza e a luz elétrica – esta que costumamos sempre atribuir a algo construído pelo ser humano, mas que provém, fundamentalmente, do natural.

Se em um jardim murado podemos notar claramente a passagem das quatro estações ao longo do ano, em um jardim elétrico formado por postes e fios só há espaço para duas fases: com ou sem luz. Assim, o que se pode encontrar ao seu redor é sempre algo imprevisível. Cabe seguir pelo fio condutor para perceber. A exposição Jardim Elétrico, de Zuza Seffrin é, então, uma jornada para ver o que nossos olhos já incorporaram como banal.





aprendemos nos livros de fotografia

“A POSSIBILIDADE CONSISTE
JUSTAMENTE EM QUE AS VIVÊNCIAS
DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA TRAGAM
NOVAS INTERPRETAÇÕES PARA
OS PRINCÍPIOS ÉTICOS E PARA
AS DIVERSAS MANEIRAS DE SE
DIZER O BEM, AMPLIADOS AGORA
PELA VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA
ESTÉTICA.”

Nadja HERMANN, 2006

Exposição Fotográfica

Fé

Por Liliane Giordano

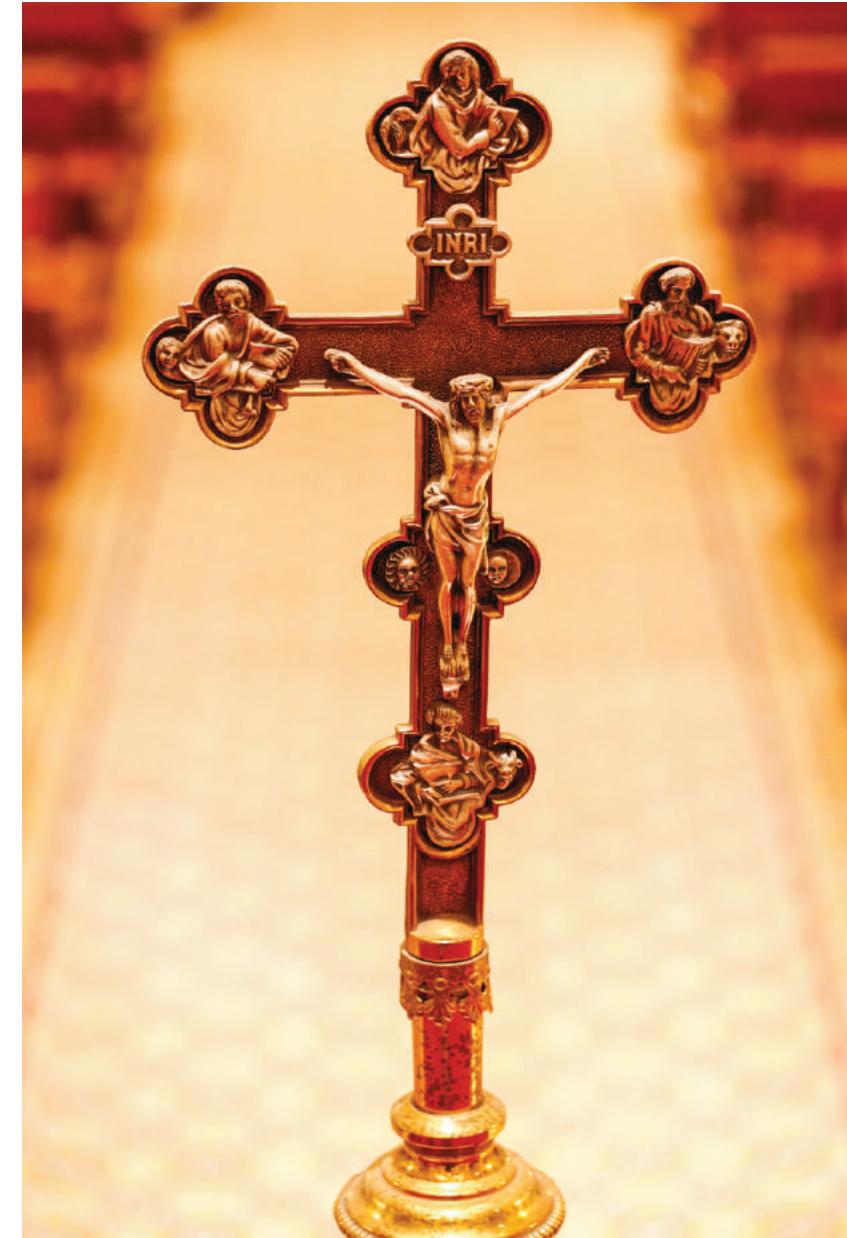


Seja qual for a expressão de fé, ela é sempre uma conversa íntima: ou de si consigo mesmo, nos casos de acreditar na superação de barreiras internas, ou de si com entidades superiores, nos casos de crer na superação de obstáculos pela intervenção divina.

E é nesse tom intimista que nasce a exposição fotográfica Fé, de Liliane Giordano. Liliane capturou esses instantes na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em Caxias do Sul. Por lá, ela também realizou uma exposição fotográfica com estas imagens, em comemoração aos 10 anos do Calendário de Lourdes, que contam com as suas fotos e com textos da jornalista Margô Segat.

As fotos são retratos intimistas de crença. Os registros da fotógrafa nos proporcionam uma pausa para refletir nos detalhes das expressões de fé, tão individuais a cada um, mas que também se expressam de uma forma tão contundente no coletivo e na sociedade.

Se fé é crer no invisível, toda representação religiosa então é uma concretude desse sentimento. Estes objetos, afinal, tornam a fé tangível, capaz de ser tocada com os dedos. Assim também são as fotos de Liliane: as imagens trazem concretude aos nossos olhos, e assim podemos testemunhar o imenso poder da crença.









aprendemos nos livros de fotografia

“A ARTE É A LINGUAGEM DAS
SENSAÇÕES, QUE FAZ ENTRAR NAS
PALAVRAS, NAS CORES, NOS SONS
OU NAS PEDRAS.”

Deleuze; Guattari, 1997

Carta aberta

11ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul

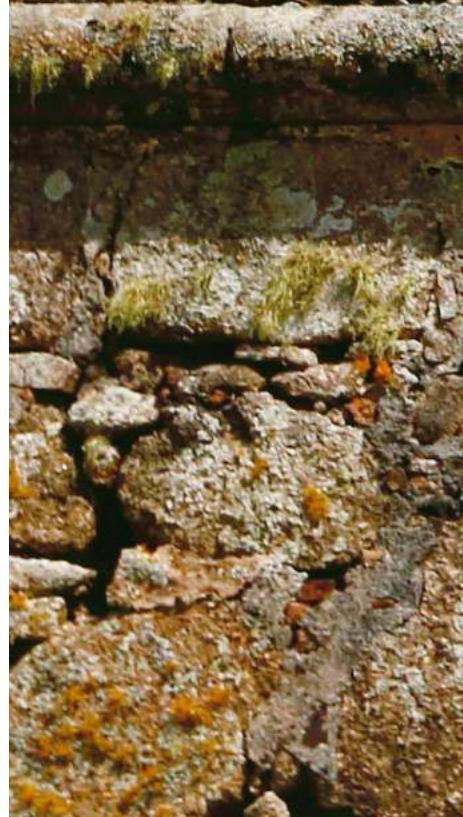




A Semana da Fotografia de Caxias do Sul chegou a 2018 fortalecida, celebrando seu aniversário de onze anos. Mais de uma década não é pouca coisa: os festivais de fotografia mais importantes do país têm todos aproximadamente a mesma idade, quando não menos. Temos muito a comemorar, de fato. Apesar do nome sugerir que seriam sete dias de programação, tivemos vinte dias de atividades gratuitas e abertas a toda a população caxiense.

Tantas atividades só foram possíveis graças a um motivo: a Semana da Fotografia é colaborativa. A variedade de palestras, workshops, oficinas e exposições revelam que muita gente esteve engajada, querendo ver o evento crescer e florescer. Foram muitas pessoas e instituições se doando em prol da educação visual.

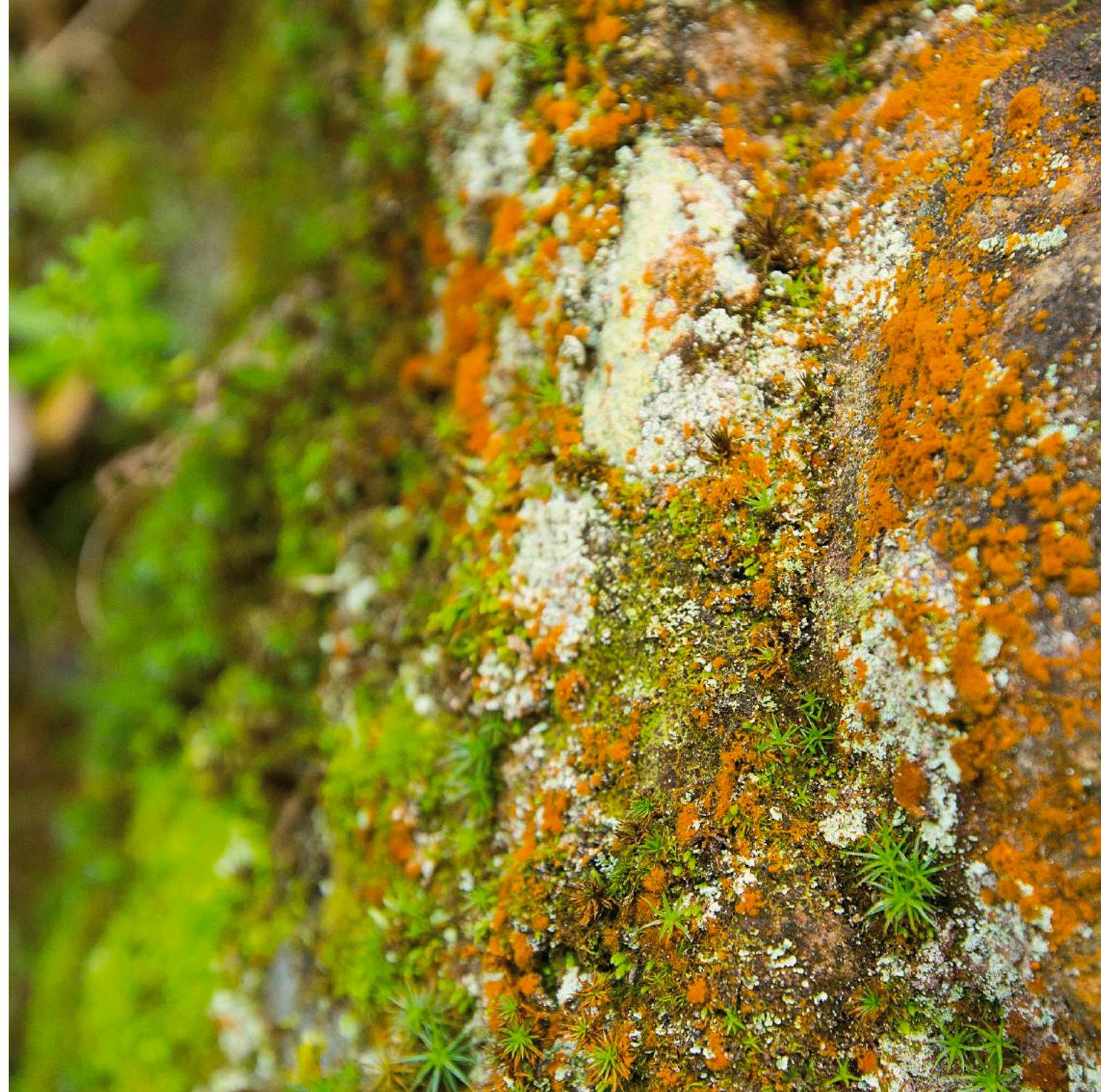
Quem acompanha o evento nos bastidores sabe que há uma doação intensa para que o evento



aconteça. Ele é fruto da parceria que dá certo entre o poder público e o privado. É nessa união de forças que as atividades acontecem. São os muitosicineiros que fazem um trabalho voluntário, os funcionários públicos que passam noites trabalhando. E é claro que envolve o público: neste ano, muitas atividades estavam com as vagas lotadas e com filas de espera, provando que a Semana da Fotografia de Caxias do Sul cresceu não apenas em número de dias de realização, mas também e sobretudo em interesse, engajamento e visibilidade.

Também nesta edição tivemos a estreia de novos professores de oficinas e palestras. Assim, percebe-se que não só o público está se diversificando cada vez mais, mas também os educadores que se envolvem neste evento. Abrir as portas para novas vozes revela uma pluralidade de debates e trabalhos. Toda essa miscelânea só pode fazer bem, refletindo diretamente na criatividade de cada um. Afinal, novas ideias nascem de cacos de inspirações que colhemos ao longo do caminho, como peças em um imenso quebra-cabeça.

Este também é o primeiro ano que a Semana é realizada depois de se tornar lei municipal. É um marco importante, pois assim passa a integrar o calendário oficial de eventos de Caxias, mas mais que isso: garante a sua realização. Mas sabe o que é o melhor de tudo? Perceber que a Semana da Fotografia de Caxias do Sul não está apenas sobrevivendo. Ela é um evento que tem vida própria, que ganha um novo fôlego ao ver o intenso interesse registrado pela comunidade. Que tenha vida longa!





análise - congressos de fotografia

Circuito Viacolor 2018





A educação tornou-se uma das ferramentas mais poderosas, e o ensino não cabe mais apenas às escolas: as empresas notaram que também podem ter um papel ativo, seja para fidelizar clientes, conquistar novos negócios e/ou melhorar a qualidade de seu ramo. E é assim que os laboratórios de fotografia têm feito mais do que só imprimir imagens, e começaram a realizar congressos para auxiliar na atualização dos fotógrafos. Na terça-feira, dia 13 de novembro de 2018, participamos de uma atividade assim promovida pelo laboratório Viacolor. O Circuito Viacolor – 1º Master Class de Fotografia, trouxe palestrantes para falar de direção de modelos, edição de imagens e marketing. A Sala de Fotografia esteve por lá, confira um pouco do que rolou neste dia no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre.



Direção

O fotógrafo André Mansano deu uma verdadeira aula prática no palco da Master Class, ensinando dicas importantes para a direção de fotografias de casal. Sempre de um jeito irreverente, André, que é especialista em fotos de pessoas, ensinou como a foto começa muito antes do clique, na hora de entender e se conectar com o casal.

“A culpa da direção é nossa, precisamos parar de culpar eles, pois casal não é modelo. Costumamos dizer que os clientes são travados. Mas a culpa é nossa na direção quando não dá resultado. É você que tem que se conectar com eles. E isso muda tudo. Quando eu pergunto pra algum fotógrafo o que casal tem de especial, me responde que um deles manda, e só, não sabe nada mais. Você não está sendo importante na vida deles. Deveria ser lembrado por um dia sensacional. Deve partir da gente ser especial, pois eles estão apenas esperando fotos de você, mas se você for especial para eles, eles vão lembrar.”

Para Manzano, é importante observar atentamente os dois na conversa antes do ensaio: enxergar para além da classificação simplista bonito ou feio, mas realmente notar quais são os pontos fortes do rosto, se são os olhos, as sobrancelhas, o cabelo. Se a mulher mexe muito no cabelo, por exemplo, é porque este é um item determinante para ela – e assim, durante o ensaio, o fotógrafo deve estar atento e pedir para ela arrumar, se necessário, além de dar ênfase nas suas fotos.

“É preciso conversar antes do ensaio, para já ir pensando sem a câmera. Se ela diz amo rosa, procuro achar um jeito de inserir rosa em alguma foto. Conversando um tempinho já descobre muita coisa. A foto é só resultado do que eles são, e é só isso que importa. É sobre eles, não sobre nós, fotógrafos”. André Mansano

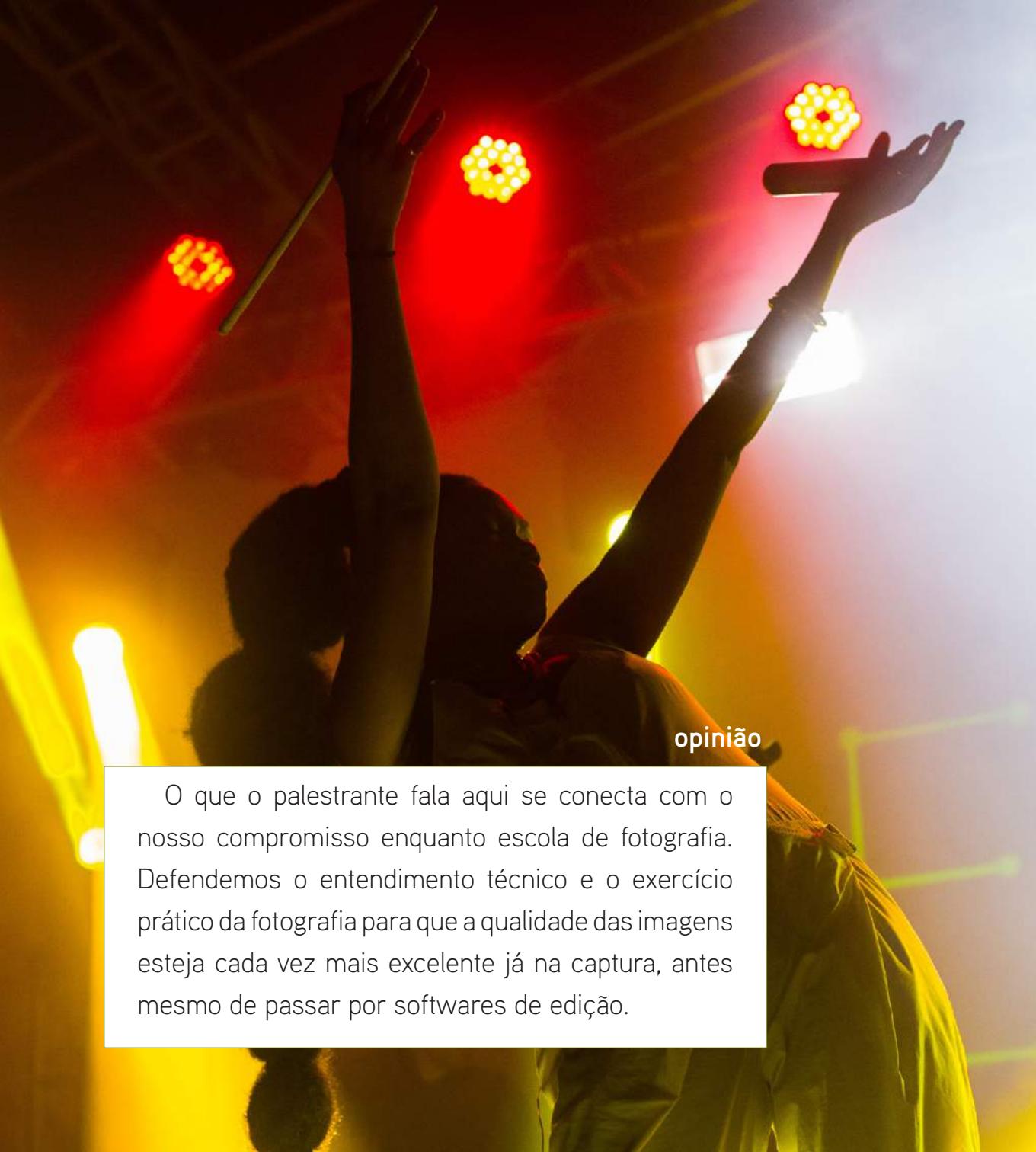
O palestrante ressaltou diversas vezes que a direção é feita por voz, não é necessário arrumar o cliente nas poses tocando nele. Basta ir pedindo como você gostaria, e a pessoa se posiciona.



“O ser humano é programável, é só repetir algumas vezes que as pessoas entendem. Ninguém é tão burro quanto parece, não pode desvalorizar o cliente, pois ele pode saber mais. A ideia é respeitá-los, e a partir disso eles fazem qualquer coisa que você pedir: é desta forma que surgem fotos diferentes. Minha direção é lenta, porque preciso saber o que cada pose quer dizer pra mim. O que significa braço apontado em tal direção, por exemplo?” André Mansano

Edição de imagens

Ainda antes da fala de Mansano, o Circuito Viacolor teve como primeiro palestrante Henrique Ribas, referência nacional em Lightroom – ele é certificado como Adobe Certified Expert para Adobe Photoshop Lightroom. Para Ribas, a pós-produção começa na hora do clique. Ao chegar em um evento, o fotógrafo já deve estar atento a elementos que depois devem ser retirados no Photoshop, como placas, fios, copos. “Você precisa parar de pensar ‘depois eu edito’, pois isso significa muitas horas trabalhando no computador depois”, ressaltou.



opinião

O que o palestrante fala aqui se conecta com o nosso compromisso enquanto escola de fotografia. Defendemos o entendimento técnico e o exercício prático da fotografia para que a qualidade das imagens esteja cada vez mais excelente já na captura, antes mesmo de passar por softwares de edição.

Sobre fluxo de trabalho, Ribas também destacou que o Lightroom permitiu aos fotógrafos mais produtividade, o que significa mais tempo para pensar em outros aspectos do negócio. Afinal, a hora extra é constante para o fotógrafo, mas é importante inverter essa lógica. “Temos que controlar o tempo, senão o tempo vai nos controlar”, enfatizou. E, para ter um bom controle de tempo, é fundamental ter um processo organizado de trabalho.

Ribas tinha vários bons exemplos para ilustrar do que estava falando. Sobre fotografar em Raw, ele explicou de uma forma muito didática a diferença em relação ao Jpg: se você tem uma esponja, e a coloca embaixo da torneira, ela fica cheia d'água, cheia de informação: isto é raw. Com essa esponja você sabe que vai poder lavar todas as dez panelas que precisa. Com o Jpg, seria o equivalente a você espremer essa esponja, tirando muita água – esse arquivo comprime a imagem e joga fora informação supostamente inútil. O Raw dá muito mais poder de edição do que o jpg. Mas isso não significa que não se possa fotografar em jpg, mas neste formato é ainda mais importante ter uma boa fotometria.

“O pior fluxo de trabalho é aquele que você faz cada dia de um jeito. O pior nem é o errado, é um de cada, pelo menos faça a coisa errada sempre. Se um dia você seleciona as fotos no Lightroom com cores, no outro com bandeiras, depois com estrelas, nunca mais sabe o que fez. Se a cada dia baixa as fotos do cartão em uma pasta diferente, fica muito difícil achar depois. Anote os passos de seu fluxo, seja sincero, pra saber onde está errando, e onde pode melhorar”. Henrique Ribas



Outro bom exemplo que Ribas usou foi para explicar o quanto é difícil recuperar fotos de um cartão de memória quando ele já foi formatado. De forma leiga, explicou, formatar é como quando escreve a lápis numa folha, e depois apaga. Se for recuperar, até consegue ler algo no baixo relevo que o lápis produziu no papel. Mas quando escreve de novo por cima, é como quando clica de novo por cima desse cartão. Então, fica impossível de ler esse baixo relevo inicial.

O palestrante ainda deu dicas úteis de utilização do Lightroom, como a visualização inteligente, deixar a visualização das imagens em 1:1 na hora da importação para conseguir ser mais rápido o processo de carregamento das fotos depois, e utilizar sempre monitor calibrado, e nunca televisão para editar as fotos. Explicou que até mesmo as cores da parede da sala onde se está trabalhando conta: seria melhor paredes cinzas, com lâmpadas neutras.

Diagramações

No evento, a Viacolor disponibilizou diversos álbuns prontos de seus clientes. É uma forma de conhecer o trabalho de outros fotógrafos, e se familiarizar com os tipos de materiais possíveis para a impressão.

No que se refere às fotografias destes álbuns, notamos cada vez mais o quanto é importante a atenção aos detalhes, como enquadramento e ângulo.

Os presets e filtros do Lightroom são uma ferramenta útil na edição das fotos, mas este é um recurso que deve ser usado com parcimônia, já que, às vezes, as fotos podem tender a um tom mais amarelado do que o comum. Além disso, é preciso destacar a importância de uma coerência na edição, cuidando para que todas as fotos de um álbum obedeçam a um mesmo padrão de tratamento.

Esse conceito vem de acordo com o que Sérgio Nogueira falou no congresso Go Image on Stage 2018: “Use presets - mas não fique refém deles, porque pode ficar carnaval. Em uma série de fotos, todas as imagens precisam seguir um mesmo padrão de cor. Não estou falando do que é bonito ou feio, mas de ser sempre uma mesma linguagem.” Sérgio Nogueira

Na diagramação, fotos bem grandes são uma excelente opção, mas “respiros” nas páginas são fundamentais, mantendo amplas margens brancas, fazendo assim com que a leitura das imagens seja facilitada. Também é preciso estar atento a qual foto ampliar, optando sempre pelas mais significativas e relevantes.

Há algumas dicas que costumamos ouvir em congressos, e com razão: é preciso conhecimento técnico, entendimento do equipamento fotográfico e principalmente estudo do comportamento da luz. Além, é claro, de tempo para estudar, refletir, parar e contemplar. Nisso, inclui-se uma boa conversa com o cliente antes de uma sessão fotográfica para definir e perceber com sensibilidade as nuances de cada retratado. Fica evidente a necessidade de mostrar ao cliente que deve haver tempo, dedicação e envolvimento para que ajam bons resultados. Quanto melhor for o resultado da fotografia, menos tempo será gasto com a sua edição. Tempo esse que pode ser dedicado a álbuns mais elaborados e à criatividade em novos produtos fotográficos para seus clientes.

Os valores do Circuito Viacolor estavam atraentes, revertidos em materiais de impressão no laboratório. Além disso, durante o dia ocorreram outras promoções bastante atrativas para o público.

A plateia tinha em torno de 250 pessoas, lotando o espaço reservado no hotel Plaza São Rafael. Iniciativas como esta da Viacolor são fundamentais para promover o crescimento em termos qualitativos da fotografia. Ser fotógrafo vai muito além da paixão e do talento: envolve muito estudo e dedicação para o aprendizado. Investir em educação é investir no futuro da fotografia, pois quanto melhor os trabalhos dos fotógrafos, mais fácil fica depois mostrar ao público leigo a importância de um profissional qualificado e da necessidade premente de imprimir as imagens e não deixá-las apenas no âmbito digital.

Outras palestras

A tarde na master class de fotografia trouxe Johnny Carvalho, que falou sobre marketing digital e as melhores estratégias para divulgar um negócio nas redes sociais. Ele ensinou um passo a passo prático de como criar anúncio, explicando as ferramentas do Facebook.

O próximo palestrante foi o fotógrafo Fernando Dai Prá, que contou a sua trajetória e como tem feito para se diferenciar num mercado bastante competitivo como o de Caxias do Sul. Ele exibiu até mesmo um vídeo de algumas noivas que foram suas clientes, que relataram seus pontos positivos. Atualmente, Fernando tem investido nos pocket álbuns, que ele imprime ainda na noite do evento e já entrega para alguns convidados do casamento.

As últimas horas do Circuito Viacolor trouxeram novamente ao palco Henrique Ribas e André Mansano. Ribas falou sobre algumas novas ferramentas do Lightroom, demonstrando o seu uso. Já Mansano falou sobre estratégias de vendas para alavancar a comercialização de álbuns e fotografias nos estúdios.

aprendemos nos livros de fotografia

“EM NOSSA VIDA DIÁRIA ESTAMOS RODEADOS POR IMAGENS IMPOSTAS PELA MÍDIA, VENDENDO PRODUTOS, IDEIAS, CONCEITOS, COMPORTAMENTOS, SLOGANS POLÍTICOS ETC. COMO RESULTADO DE NOSSA INCAPACIDADE DE LER ESSAS IMAGENS, NÓS APRENDEMOS POR MEIO DELAS INCONSCIENTEMENTE. A EDUCAÇÃO DEVERIA PRESTAR ATENÇÃO AO DISCURSO VISUAL. ENSINAR A GRAMÁTICA VISUAL E SUA SINTAXE ATRAVÉS DA ARTE E TORNAR AS CRIANÇAS CONSCIENTES DA PRODUÇÃO HUMANA DE ALTA QUALIDADE É UMA FORMA DE PREPARÁ-LAS PARA COMPREENDER E AVALIAR TODO O TIPO DE IMAGEM, CONSCIENTIZANDO-AS DE QUE ESTÃO APRENENDO COM ESTAS IMAGENS”

Barbosa, 1998

Retrospectiva Sala de Fotografia 2018



JAN

finalização do planejamento da Sala de Fotografia para 2018



saída fotográfica ao Belvedere Sonda, em Nova Pádua

Liliane Giordano é convidada para integrar o corpo docente do Curso de Graduação em Fotografia no Centro Universitário FSG, em Caxias do Sul

FEV



saída fotográfica: Descobrimo o Bairro Petrópolis, em Caxias do Sul

nova edição do Workshop de Iluminação

nova edição do Workshop de Fotografia Newborn

Curso de Fotografia na CIC de Antônio Prado, ministrado por Liliane Giordano

MAR

nova edição do Curso de Lightroom e Nik



abertura da exposição fotográfica Singular, de Rubia Villa, com curadoria de Liliane Giordano, na Justiça do Trabalho de Caxias do Sul

lançamento do livro "Por exemplo", do Pe Nivaldo Piazza, o qual a Sala de Fotografia fez a digitalização e edição das fotos

primeira edição da Oficina de criatividade na fotografia e diário visual, com Sara Verza

ABR

expedição fotográfica da Sala de Fotografia a Feira Fotografar, em São Paulo

palestra "A influência da fotografia na imagem pessoal", ministrada por Liliane Giordano na Escola do Legislativo da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul

Workshop de Fotografia, ministrado por Liliane Giordano na Escola do Legislativo da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul

Oficina de Fotografia ministrada por Liliane Giordano no Grupo de Escoteiros Saint Hilaire - Caxias do Sul

MAI

Saída fotográfica ao festival de fotografia Fest Foto, em Porto Alegre

abertura de exposição "Retratos da Alma", de Ilka Filippini, com curadoria de Liliane Giordano, na Galeria Delphus, em Porto Alegre

participação do Congresso Go Image on Stage, em Caxias do Sul



expedição fotográfica da Sala de Fotografia ao Uruguai

JUN

lançamento da quarta edição da Revista Sala de Fotografia. A publicação completa dois anos

conversa sobre fotografia com Liliane Giordano na Sec. Municipal de Educação, em Farroupilha

Conversa sobre arte – curadoria e projetos fotográficos, com Ilka Filippini e Liliane Giordano na exposição "Retratos da Alma", na galeria Delphus em Porto Alegre

Oficina de Fotografia, ministrada por Liliane Giordano no Grupo Escoteiro Saint Hilaire - Caxias do Sul

JUL

saída fotográfica ao festival Canela Foto Workshops

- abertura da exposição “Jardim Elétrico”, de Zuza Seffrin, com curadoria de Liliane Giordano, no Espaço Vila Flores, Distrito Criativo de Porto Alegre

Workshop de Fotografia, ministrado por Liliane Giordano na Oficina SESC Brincando nas Férias, em Caxias do Sul

evento de lançamento da coleção de roupas com as fotos de Liliane Giordano – Liliane Giordano Arte em Roupas

AGO

11ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul: Sala foi uma das realizadoras do evento, em parceria com a Secretaria de Cultura

Sala de Fotografia realizou workshops, palestra, exposições fotográficas e caminhada fotográfica dentro da programação

duas exposições com curadoria de Liliane Giordano integram a programação Seminário e Jornada Internacional de Educação na UCS: Touba, de Marcia Marchetto e e Manu em Auschwitz, de Manuela Suzin Mantovani

SET

palestra “O uso do celular”, ministrada por Liliane Giordano na Paróquia Santa Catarina de Caxias do Sul

palestra “Mulheres na História da Fotografia”, ministrada por Liliane Giordano, no Instituto Cultural Taru, em Caxias do Sul



abertura da exposição fotográfica Retratos da Alma, de Ilka Filippini, com curadoria de Liliane Giordano, na Galeria Arte12B, em Gramado

OUT

expedição fotográfica da Sala de Fotografia a Santos e Bienal de Artes, em São Paulo



participação da coleção Liliane Giordano Arte em Roupas na feira de arte “Mostra Criativa”, em Nova Petrópolis

exposição fotográfica “A Fé que Conduz: do Senegal a Caxias do Sul”, de Marcia Marchetto, com curadoria de Liliane Giordano, na boutique Moda Leti, em Caxias do Sul

NOV

participação do Congresso Circuito Viacolor, em Porto Alegre

primeira edição do Workshop de Leitura de Imagens na Sala de Fotografia



lançamento do Calendário da paróquia de Nossa Senhor de Lourdes, em Caxias do Sul, com fotos de Liliane Giordano

nova edição do Curso de Photoshop, com Sara Verza

DEZ

última turma do curso de fotografia do ano. Foram 14 turmas deste curso em 2018

A Sala de Fotografia teve 9 modalidades de cursos diferentes neste ano, com mais de 70 alunos novos

entrega das arrecadações de doações de Natal na Escolinha Nosso Amiguinho, no bairro Esplanada, em Caxias do Sul

lançamento da quinta edição da Revista Sala de Fotografia

lançamento da linha de tênis Liliane Giordano Arte em Roupas

concepção

Tênis com fotografia:
Liliane Giordano
Arte em Roupas



**LILIANE
GIORDANO**
ARTE EM ROUPA

Tênis estampados com fotografia. Esta é a novidade da coleção Liliane Giordano Arte em Roupas: tênis com estampas das imagens registradas pela fotógrafa caxiense. É comum encontrar este tipo de calçado com artes, desenhos e escritos, mas com fotografias é difícil de achar: esta é uma das únicas linhas de tênis com fotografia do país. Serão três modelos diferentes, com e sem cadarços e de cano longo. As estampas são ligadas ao mundo orgânico, com cores que mesclam à moda da estação com a natureza.

Arte em Roupas é o conceito da linha que a fotógrafa Liliane Giordano, diretora da escola de fotografia Sala de Fotografia, de Caxias do Sul, lançou em meados de 2018. A coleção exclusiva de grife é estampada com suas fotografias. A segunda coleção, lançada em dezembro de 2018, traz novas estampas exclusivas e com novidades nas peças pensando no verão, como cangas e regatas de amarrar.

A linha também conta com vestidos, blusinhas, camisetas, moletoms, lenços, necessaires, bolsas, sempre em tiragem limitada – no máximo 10 peças de cada, e estampas que passam do moderno à interação do homem com a natureza. A linha engloba ainda materiais de papelaria, como marcadores de página, cartões, quadrinhos, cadernetas e até canecas.

A coleção foi pensada para ser uma pequena coleção desenvolvida especialmente com uma série definida de fotografias, que conversam entre si a partir do orgânico e o concreto.





bolsas
canecas
imãs de geladeira
marca páginas
cadernetas
quadrinhos
vestidos
camisetas
moletoms
tênis

análise - festivais de fotografia

Valongo 2018





Diversidade e resistência: estas foram palavras-chave do Valongo 2018 para a Sala de Fotografia, no festival internacional da imagem sediado em Santos (SP). Diversidade porque por lá havia diferentes tribos, todas coabitando no espaço em um clima de harmonia. Era uma mistura de pessoas e também de intelectos, sociais e de biotipos, mas era muito mais do que se podia apreender na primeira impressão: havia coerência e entendimento intelectual dentro dessa diversidade, potencializada pela questão do conhecimento. E resistência porque costumamos pensar que ela é algo de quem está à margem, ao redor. Mas no Valongo era um processo de resistência provado pelo formato de competência e compreensão que é possível a partir da arte e da cultura. O conhecimento traz em si, naturalmente, o questionamento – um depende do outro, pois só se questiona quando se tem informação a respeito.



Desta forma, nos pareceu que o Valongo abre uma porta para sair deste estar à margem, não importando em qual estereótipo se encaixe, esquecendo-se de cor de pele ou de sexualidade ou até padrão social. E a resposta para isso seria o sucesso pela educação, sobretudo, pois ela proporciona uma espécie de imposição, ainda mais nessa área da arte e da cultura.

Como bem afirma o texto da curadora do festival deste ano, Diane Lima no catálogo impresso do Valongo: “O que nos cabe é revelar as obscenidades, os simulacros engessados e os processos de extrema violação dos estereótipos”. Podemos dizer que o evento teve sucesso nesta sua proposição.

Imperava, assim, um sistema de relações que por meio do conhecimento instaurava autonomia e poder. As manifestações artísticas produzem significado e ressignificado em um mundo que nem sempre tem caminhos claros, entre contradições, gerando reflexão e aproximação entre os que ali estavam no Valongo.

“Durante anos, a humanidade padeceu da cegueira seletiva. Era possível ver, mas não enxergar. A cura da cegueira seletiva não ocorria nos olhos, e sim nos nervos dos pensamentos. Mudaram-se as referências, os ângulos dos campos de visão. A cura da cegueira seletiva vem se espalhando para todos que querem ver.”
(filme institucional do Valongo 2018)



Ainda de acordo com o texto de Diane, as ideias que embasaram o festival são fruto de muita reflexão.

“O que nos guiou ao longo de todo o processo foi o questionamento sobre o que podem as imagens numa política dos encontros, entre o que somos e nos tornamos quando nos permitimos ser afetados pela intrínseca capacidade estética das experiências estéticas. Questões que se referem às funções políticas das imagens em transformar discursos em verdades e principalmente, ser presença sensível como condição capaz de contagiar, comover e nos fazer sentir o sentir do outro.” Diane Lima

Ainda de acordo com Diane, o Valongo queria trazer a ideia de que uma vez que vemos, é impossível voltar atrás. Assim, pretende trazer a possibilidade de tornar comum a aptidão em ver.

“No Valongo 2018 não há temas, categorias ou subdivisões. Como um organismo vivo, pulsa como uma grande manifestação que reúne efeitos, diagnósticos, observações, perguntas e referências.” Diane Lima

O tema do Valongo, “Não me aguarde na retina”, também trazia em si uma explicação elaborada, conforme explicou a curadora Diane:

“Tela responsável pela formação das imagens e pelo sentido da vida, é na Retina onde projetamos o que vemos e através da percepção visual e de outros sentidos, temos a habilidade de processar, entender e interpretar o nosso entorno por meio dos estímulos cognitivos que recebemos. Assim, é como um impulso elétrico, uma declaração e um posicionamento, que não me aguarde na retina nos convida a ampliar o nosso campo de visão, captar pressões e vibrações, frequentar frequências, sentir essências e nos destituir daquilo que conhecemos como bom e mau gosto” Diane Lima



Em 2018, o Festival Internacional Valongo celebrou a sua terceira edição entre os dias 12 e 14 de outubro. A Sala de Fotografia esteve presente em todas as edições do evento. Neste ano, além das palestras, vimos ainda as seis exposições com mais de 50 artistas que se espalhavam pela zona portuária de Santos. Também acompanhamos os lançamentos dos livros “Quando o coração é 1 caçador solitário”, de Carine Wallauer; “Diante das sombras”, de Ronaldo Entler; “Antes de tudo está o futuro”, de Lara Perl; e “Copo de Luz”, de Márcio Scavone.

Confira um pouco mais do que vimos por lá nestes dias de imersão fotográfica.

Conversas

Um dos primeiros seminários do Valongo deste ano nos surpreendeu por conter um diálogo mais acadêmico, e o domínio de uma linguagem mais intelectual. Era a mesa “Não me aguarde na retina: curadoria em perspectiva”, com Diane Lima e Thiago de Paula. Os dois curadores discutiram estratégias para alargar a capacidade de ver e de sentir. Thiago é um dos curadores da Bienal de Berlim, e junto com Diane, falou sobre como tornar comum a aptidão em ver. Notamos que o público estava atento às falas, respeitando o nível de conhecimento dos palestrantes, conforme foi ocorrendo ao longo de todo o festival.

Também acompanhamos a palestra “Conversas sobre o futuro (da publicação)”, com mediação de Lara Del Rey, e com as presenças de Mariana Lima, Andressa Casado e Felipe Abreu, que fazem parte da curadoria ECP. Nesta mesa, foi discutido as pesquisas de venda de livros, que demonstram o quanto está difícil este mercado, sobretudo no campo da arte, como fotografia e poesia. Assim, eles criaram esta curadoria e passaram a desenvolver uma espécie de zine, publicações independentes de projetos. Os convidados destacaram também o quanto é rico e dinâmico o seu processo de trabalho, principalmente porque são um coletivo, assim podem discutir e pensar juntos.

Seguindo nesta linha, a conversa “Direção de Arte”, com Gabriela Castro e Matheus de Souza Viana, trouxe quais pontos têm intrigado os diretores de arte. Este é um dos campos de criação primordiais para a construção de uma publicação artística. Atualmente as publicações têm sido um desafio por si só, ainda mais no processo de publicação coletiva, em que as mudanças políticas e sociais nos afetam e afetam a estética desse processo, bem como a criação consciente e ativa dentro desse espaço criativo.

Na conversa sobre Edição com Elaine Ramos (Ubu) e Roni Maltz, da editora LP Press. Em um debate como manter constantes as publicações em um momento tão complexo de arte no Brasil, a LP



mostrou como se propôs a realizar um zine por semana, resultando em 52 novos fotolivros em um ano.

Karlla Giroto apresentou seu trabalho “Eu sou muitas”, falando sobre seu trabalho com fotografias de mulheres usando máscaras. Ela discute sobre a liberdade feminina e amorosa, encontro e reconhecimento. “Costurar essas outras mulheres em mim para que nenhuma de nós desapareça, e para que outras apareçam (caminhamos para a construção dos impossíveis)”, Karlla Giroto.

Vimos ainda a conversa “Arquivo, família e reconstrução”, com os criadores Henrique Carneiro e Rafa Moo. Eles apresentaram os livros Luciara e Hariken 87, que apresentam uma relação direta com o uso da fotografia do arquivo e memória familiar, e ressignificam eventos importantes desta narrativa através das imagens.

Outra conversa que assistimos foi “Desdobramentos de pesquisa em publicações e arte”, com Letícia Lampert, que trouxe um intercâmbio importante entre o acadêmico e o artístico a partir de pesquisas e criações. Ainda, observamos uma performance de dança e ocupação, chamada “Mar”, por Marina Guzzo, que também participou da mesa “Poéticas de um espaço-específico: uma questão sobre as espacialidades do corpo, da memória e da cidade”, na qual ela discutiu, ao lado de Juliana dos Santos, Cecília Bona, e Negalê Jones, as relações das obras com contextos territoriais e o uso de múltiplas linguagens.

Na mesa “Jogos ópticos institucionais: entre a curadoria e a gestão da cultura”, Catarina Duncan,



Juliana Braga, Diane Lima, Thiago de Paula discutiram os desafios e estratégias no campo da cultura para o futuro da produção cultural tendo em vista os rumos das políticas globais e as relações das práticas contemporâneas nas estruturas institucionais.

Um dos seminários que nos chamou a atenção foi a de Emmanuelle Andrianjafy. Ela contou a história de seu livro “Nada é em vão”. Emmanuelle se mudou de Madagascar, e foi morar no Senegal. Lá, ela não se adaptou na sua nova cidade, Dakar, achando tudo estranho. Começou então a fotografar as coisas que achava diferentes, pra ver se conseguia se adaptar. Três anos depois, essas imagens deram origem a um livro. A princípio, ela só fotografava a cidade. Depois, quis fotografar pessoas. Ela é tímida, então contratou um assistente para pedir permissão para fotografar. O livro foi selecionado no First Book Award da MACK.

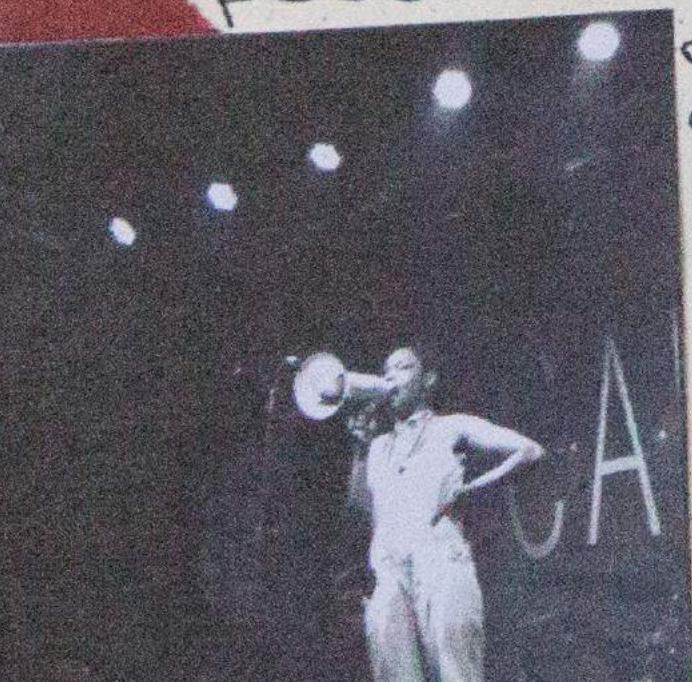
Estivemos presentes também na mesa “Ver o invisível dizer o indizível: uma questão de linguagem”, com os integrantes da primeira Residência Artística

do Valongo, Castiel Vitorino, Randolpho Lamonier, Ana Almeida, Lais Machado e Davi de Jesus, com coordenação artística do pesquisador Tarcísio Almeida.

Nesta mesa, assistimos aos resultados da residência artística. Na prática, as residências são muito importantes e é tudo muito interessante, mas o artista, sem muita experiência, nem sempre consegue explicar e argumentar sobre o próprio trabalho da melhor forma possível. Assim, percebemos como é importante o trabalho da curadoria que vai fazer uma explicação mais consistente sobre o processo e seus resultados.

Um projeto importante desenvolvido pelo festival foi a criação do núcleo de pesquisa e experimentação do Valongo, que foi elaborado como uma ação permanente do festival e prioriza, por meio de processos de escuta e criação, ações de formação e pesquisa com amplo caráter performativo das práticas curatoriais desenvolvidas.

impunha a mim e ao meu
olhar. Sentindo a verdadeira força
e estímulo por trás do que vejo e
crio. Sentindo a motivação, o
poder e ímpeto que isso pode
gerar a mim e os
que me rodeiam.
É TANTA COISA!



“E aos poucos tudo
foi se encaixando,
tomando sua for-
ma única de ser e
hoje eu posso dizer,
meu asas e
opinião

O Festival Internacional da Imagem Valongo não apenas nos convida a ver com outros olhos, mas também com todos os sentidos, trazendo conhecimento expandido sobre entedimento da cultura visual. É como bem descreveu a fotógrafa Sara Verza, que nos acompanhou nesta expedição fotográfica, e pode alargar seus horizontes por meio do Festival – tanto fotográficos, como de sensibilidade e de conhecimento de mundo.



“Dia cheio aqui no Valongo. Cabeça cheia (de ideias boas e inspiração). A Lili definiu o Valongo como ‘divisor de águas’: nem acabou o primeiro dia do festival e já estou sentindo. Sentindo as limitações que eu mesma impunha a mim e ao meu olhar. Sentindo a verdadeira força por trás do que vejo e crio. Sentindo a motivação, o poder e ímpeto que isso pode gerar a mim e aos que me rodeiam. É TANTA COISA! É como disse a cantora Xênia França, no show que assistimos no Valongo: ‘E aos poucos tudo foi se encaixando, tomando sua forma única de ser e hoje eu posso dizer que criei asas e voei.’” Sara Verza

A exemplo do que desenvolve na Oficina de Criatividade na Fotografia e Diário Visual aqui na Sala de Fotografia, a fotógrafa e professora Sara Verza criou um caderno com suas impressões de sua viagem ao Valongo, mesclando texto e imagens. Confira algumas páginas de suas criações.





E se pudéssemos transformar as ruínas em algo infinitamente mais bonito e grandioso? E se cortássemos todas as amarras que nos fazem separar o que vemos somente em bonito e feio? É triste pensar como as fotos que produzimos e que vemos são milimetricamente pensadas e toscas para vender uma memória, ilusão, uma vida e visão que não é nossa. Será que o que produzimos é o nosso olhar ou o do outro? Para nós ou para o outro?

Tentei me desprender tantas vezes, tentei achar meu olhar em mim. Tentei abraçar tudo que via, todas as possibilidades, ângulos e enquadramentos. Todos os erros e acertos.

Buquei o detalhe, a transmutação das coisas. Não pelo que estava esconchado, mas sim pelo que estava escondido.

NA POESIA DO INVISÍVEL.

Então, num lugar cheio de arte, com obras incríveis, decidi voltar meu olhar para as ruínas.

As paredes com pedaços faltantes, as plantas que surgiam pelo meio das rachaduras de todo e qualquer lugar possível, as camadas de tinta gastas, as barras de ferro enferrujadas. A história dos detalhes. A marca do tempo, das pessoas que passaram por ali. Cada mínimo detalhe que parecia ter

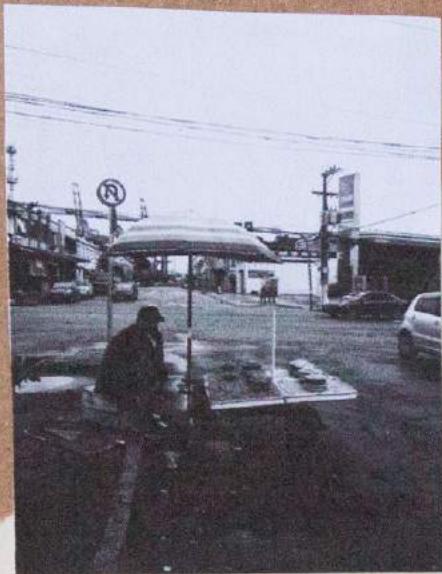


feito parte da curadoria das obras ali expostas. Milimetricamente organizadas. Parei.

Observei. Fotografei. E então alguém passou do meu lado, meio confuso, sobre o que eu fotografava.

"ACHEI QUE ERA UMA OBRA DE ARTE AQUI QUE EU NÃO TINHA VISTO AINDA, MAS É SÓ O TEU OLHAR."

E não seria a mesma coisa?



Medo de fotografar.
Medo de conhecer.
Medo de conversar.

Por quê?

Até quando o nosso medo vai ser mais forte que a nossa vontade?

Talvez sejam esses motivos do motivo pelos quais escolhi fotografar de longe.

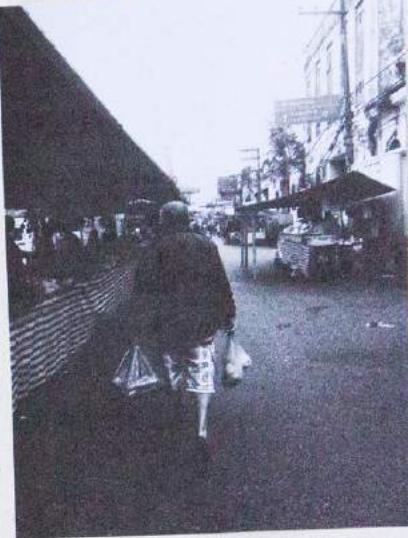
O tempo todo, com ou sem câmera, eu fotografo.

Crio uma borda imaginária para aquilo que quero registrar e daquilo que gostaria de descartar.

Nosso olhar idealiza, mesmo sem querer, criando enquadramentos, estudos de luz, de cor, de tom. Até mesmo editando mentalmente o que não parece se adequar à aquilo que vemos e como gostaríamos de ver.

São 24 anos morando no mesmo lugar, percorrendo as mesmas ruas, os mesmos caminhos. Todos os dias tento criar desafios. Hoje vou prestar atenção nas sombras, amanhãs plantas, depois de amanhãs nas cores, e assim por diante.

Não consigo, nem se quisesse, com



tanta coisa para ver, prestar atenção em tudo, então, vou escolhendo.

Hoje resolvi prestar atenção nas pessoas. Como elas parecem felizes, despreocupadas, brincando no trabalho, rindo, interagindo.

Talvez tentando aliviar o peso dos dias, das dificuldades, talvez por ve-

almente estarem felizes por estarem ali naquele momento.

As vezes paro para pensar como a gente pode estar reclamando de bairrinha cheia, colocando defeito em tudo que nos cerca, coisas que nem nos dizem respeito, pelo simples prazer de se queixar.

Deveríamos aprender a nos colocar em perspectiva. Aprender a colocar tudo que nos faz bem, nos ajuda a evoluir e querer seguir em frente, na luz em evidência. É o contrário,





É tudo tão bonito daqui
do alto, que até esqueço
que tenho medo de altura.

Medo da subida, do topo.
Medo de cair, trucidar,
despenhar.

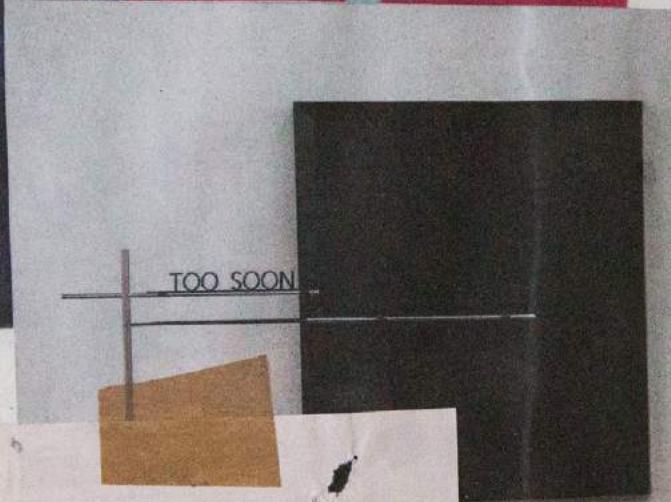
Medo de me machucar.
Não é da altura que te-
nho medo, não é ela que
me assusta.

Mas sim até onde posso
chegar.

O que consigo alcançar.
Até onde posso ir, se me
deixar levar.



atenção à arte



VIACAO COMETA S/A
 RUA NILTON COELHO DE ANDRADE, 772
 VILA MARIA - SAO PAULO - SP
 CNPJ: 06009420/00
 INSC: 61.084.018/0001-03
 CEP: 04.320.056-18
 FONE: 051.389-4
 17/07/2018 INSCRIÇÃO COF 143326 COD: 616469
BILHETE DE PASSAGEM
 Modalidade
 Inter municipal PERCURSO SAO PAULO - SANTOS
 ORIG: SAO PAULO (JABAQUARA) - SP UF: ...
 DEST: SANTOS - SP UF: ...
 PLATAFORMA: 01 POLTRONA: 36
 DATA: 11/10/18 HORA: 20:50:00 23,02\$
 TARIFA R\$: T1 23,00\$
 Desconto -0,02 2,58\$
 Taxa 54EBA456145-TX R\$: N1
 Taxa 54EBA456145-PE R\$: T1 1,32\$
 Total 26,90\$
 Total 26,90\$



Parceiros



www.saladefotografia.com

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894 saladefotografia@gmail.com

